

REVISTA MENSAL

RN / ECONÔMICO

ANO XVIII • Nº 182 • JANEIRO/87 • CZ\$ 15,00

**A VOCAÇÃO
POLÍTICA
DE WILMA.**

418

REFINARIA

DIFÍCIL
VINDA
PARA O RN

BICUDO

O TERROR
DO
CAMPO

DNOCS

UMA
SIGLA
MALDITA

SURPRESA!



SEMPRE.



SEMPRE

MAIS.

Pense em tudo aquilo que você espera como o máximo que um carro pode oferecer.

Em todos os pontos, os veículos Volkswagen correspondem e até superam.

No estilo, no conforto interior, e quanto às suas características de dirigibilidade, dispensam maiores comentários.

Dirija um Santana 2 ou 4 portas, uma Quantum, ou um Passat e sinta a qualidade superior.

Afinal, você tem todo o direito de exigir sempre mais. Exija Volkswagen. A Volkswagen sente-se no dever de surpreendê-lo. Sempre. Sempre mais.

CONCESSIONÁRIOS AUTORIZADOS

MARPAS S.A.

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592



DIST. SERIDÓ S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597

NESTA EDIÇÃO

Refinaria, falta união

Os políticos do Rio Grande do Norte sempre foram acusados de não se unir, ao exemplo do que acontece em outros Estados, em torno de uma causa do interesse do Estado. As divergências políticas e pessoais sempre falaram mais alto, o que somente têm trazido prejuízos irreparáveis ao desenvolvimento econômico, social e político desse pobre e endividado Rio Grande do Norte.

Agora, nesses primeiros meses de 87 já se vislumbram os primeiros sinais de uma possível composição de forças em torno de uma justa reivindicação: a instalação da refinaria de petróleo que a Petrobrás promete para o Nordeste, cuja construção representa investimentos altíssimos. Além do Rio Grande do Norte, brigam pela refinaria os Estados de Pernambuco



REFINARIA BICUDO DNOCS
DIFÍCIL O TERROR UMA
VINDA DO CAMPO SIGLA
PARA O RN CAMPO MALDITA

e Ceará, com amplas possibilidades, segundo o superintendente regional da Petrobrás, Luiz de Siqueira Menezes, para o Ceará.

Nessa briga, salutar, entre os polí-

ticos das mais diversas correntes do pensamento, um fato tem chamado a atenção do superintendente da Petrobrás: o Rio Grande do Norte não tem força política para falar grosso ao Presidente da República, apesar de ter um filho da terra ocupando um cargo no Ministério de Sarney. De qualquer maneira, o primeiro passo já foi dado com os dois grupos políticos mais fortes — Maia e Alves — brigando pela refinaria.

Ainda nesta edição, temos uma excelente entrevista da Deputada Federal Wilma Maia, eleita com 143 mil votos. Com exclusividade, a Deputada Federal mais votada do País, proporcionalmente, fala dos seus planos políticos, critica o Prefeito de Natal, Garibaldi Alves, a quem acusa de ser um "Prefeito politiquero"; diz que a vitória de Geraldo Melo deveu-se a uma **peemedebite** que tomou conta do País e afirma que Aluizio Alves "finalmente vingou-se" do Senador Dinarte Mariz ao contribuir para a derrota do Deputado Wanderley Mariz.

EXPEDIENTE

RN/ECONÔMICO EMPRESA
JORNALÍSTICA LTDA.

DIRETORES:

Marcelo Fernandes de Oliveira
Núbia Silva Fernandes de Oliveira
Maurício Fernandes de Oliveira
Fernando Fernandes de Oliveira

REVISTA MENSAL
RN/ECONÔMICO

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Fernando Fernandes de Oliveira — DRT 479

EDITOR GERAL:

Edilson Braga — DRT 455

DIAGRAMAÇÃO:

Moacir de Oliveira — DRT 240

ARTE:

Carlos José Soares

FOTOCOMPOSIÇÃO:

Antônio José D. Barbalho

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA., CGC 08.286.320/0001-61. Endereço: Rua São Tomé, 398, Natal (RN). Fone: (084) 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço da assinatura anual: Cz\$ 150,00. Preço do exemplar atrasado: Cz\$ 30,00. Consulta ao arquivo-memória: Cz\$ 100,00.

ÍNDICE

RN/Entrevista	4	Governo — A máquina do Estado	29
Refinaria — Falta força política	20	Jornalistas — E o questionamento	30
Mineração — RN exporta diatomita	22	Turismo — Natal é inventiva	31
Agricultura — Bicudo atemoriza campo	25	Moda — Juro, o vilão do comércio	33
Barragem — DNOCS só tem promessa	27	Imprensa — Concurso	34

FOTO CEDIDA POR A REPUBLICA



O Porto de Natal é um dos impecilhos para a refinaria

WILMA MARIA DE FARIA MAIA

A vocação para a política

De uma bancada de oito deputados, a única mulher do grupo, a professora Wilma Maia, eleita com 143 mil votos, chega à Constituinte preocupada essencialmente com o social e avessa ao assistencialismo.

Aeuforia do Plano Cruzado, a **peemedebite** que assolou o País de ponta a ponta, além do adjetivo mudança, que “é uma palavra muito forte”, foram os principais responsáveis pela derrota do Deputado Federal João Faustino ao Governo do Rio Grande do Norte nas eleições do dia 15 de novembro passado. Pelo menos essa é a opinião da professora Wilma Maria de Faria Maia, eleita recentemente Deputada Federal com 143 mil votos, o maior percentual que um candidato já conseguiu na história política do Rio Grande do Norte numa disputa para a Câmara dos Deputados.

Durante três horas a Deputada Wilma Maia recebeu os repórteres de **RN/Econômico** em sua residência da rua Apodi, quando falou de sua iniciação na política partidária — “sou uma pessoa vocacionada para a política” —; criticou a administração do Prefeito Garibaldi Alves Filho, a quem atribuiu uma nota abaixo de 5 — “Garibaldi é um Prefeito politiquês” — e acusou de estar fazendo uma política assistencialista.

Descontraída, a Deputada Wilma Maia, 41 anos, casada com o Senador Lavoisier Maia, de quem teve quatro filhos, Ana Cristina, Márcia, Lauro e Cíntia, disse pela primeira vez, desde que foram conhecidos os resultados das eleições de novembro, que “nunca fui convidada para ser Vice-Governador na chapa do Deputa-

do João Faustino”. Na entrevista, dona Wilma não esqueceu de soltar alfinetadas no Ministro da Administração, Aluizio Alves. “Finalmente Aluizio conseguiu se vingar do velho Senador Dinarte Mariz derrotando Wanderley Mariz para o Senado”.

Professora de Inglês e docente concursada da UFRN lotada no Departamento de Educação, a ex-Secretária do Trabalho e Bem-Estar Social, Wilma Maria de Faria Maia também falou dos projetos que levará para a Constituinte — “vou me preocupar com a reforma agrária, com a situação da mulher e com os aposentados” — criticou o Governo da Nova República, fez uma análise do Plano Cruzado e direcionou suas farpas para o PMDB — “na teoria diz uma coisa e na prática adota comportamento totalmente adverso” — e condenou a má administração da nossa dívida externa. A seguir, a íntegra do depoimento que a Deputada Wilma Maia deu aos jornalistas Marcelo Fernandes e Edilson Braga.

Nunca pensei em ser candidata

RN/Econômico — Que motivos levaram a sra. a entrar na vida política partidária?

Wilma Maia— Eu sempre militei na política, mesmo quando eu não era o alvo principal. Mas,

por pertencer a uma família política, desde a minha infância eu sempre participei de eventos políticos, apesar de meu pai e minha mãe não terem feito militância política, mas eu me envolvia por conta da família, de um modo geral.

Depois me casei com Lavoisier Maia, que sempre foi um político embutido. O pai dele, Lauro Maia, era político, e quando morreu era Prefeito da cidade de Patu e Lavoisier sempre amou a política, de modo que a gente se completou porque gostávamos da mesma coisa.

Quando eu tive oportunidade de servir mais à coletividade, sempre procurei fazer um trabalho que pudesse ajudar ao próximo. Mesmo antes de exercer qualquer função política, mesmo antes de exercer qualquer cargo público sempre procurei ajudar às pessoas. Eu era professora e sempre me envolvi com os bairros, com as comunidades que estavam se formando. Eu ia fazer uma palestra, um seminário.

Como Primeira Dama do Estado eu tive mais oportunidade de ajudar ao próximo. O que me levou mesmo a entrar na política militante foi a pressão da comunidade para me candidatar a Prefeita. Nunca pensei em me candidatar. A pressão partiu da própria imprensa porque meu nome apontou em primeiro lugar nas pesquisas para Prefeita de Natal, aí fui levada e praticamente forçada a me candidatar. Vi que não podia mais recuar. Posso não ter

sido vitoriosa nas urnas, mas politicamente me sentia realizada porque havia partido do nada, com pouca experiência política e havia conseguido um feito: a confiança do povo.

Depois da derrota o povo exigiu que eu continuasse na política e foi sentindo o anseio da população e de que eu me realizaria, que continuei a minha caminhada.

RN/Econômico — Quer dizer, então, que a sra. se sente vocacionada pela política?

Wilma Maia — Me sinto vocacionada. Não estou na política por acaso. Não foi pelo fato de Lavoisier ter sido Governador, sou vocacionada para a política e tenho demonstrado isso na prática.

RN/Econômico — A sra. disse que o que mais lhe agrada é servir ao próximo. Nesse período que está na vida pública, o que fez de concreto em favor do povo?

Wilma Maia — Em termos concretos foi feita muita coisa. Quando eu era presidente do Meios procurei dar apoio ao menor que não tinha assistência pré-escolar. Não está contida na Constituição a obrigatoriedade do Estado dar educação pré-escolar ao menor. Quando criei uma instituição privada que foi o Meios, achei que poderia complementar uma ação de Governo, e como o Governo não tinha condições de assistir ao menor na fase pré-escolar, então criei centros infantis e creches comunitárias.



Deputada Wilma Maia quer ...

Quando fui Secretária do Trabalho e Bem-Estar Social tive oportunidade de realizar muita coisa, como por exemplo o Projeto Crescer, que é um projeto de apoio não só à habitação mas à mudança que deve acontecer na comunidade que a gente escolhia, geralmente com atividades diferentes. O Projeto Crescer tem quatro linhas de atuação: assistência à criança, de habitação, que é a troca da casa de taipa pela de tijolo; de trabalho, porque não adiantava você dar trabalho sem se preocupar com a formação de mão-de-obra e a área de comunidade, para fazer com que eles, conscientemente, pudessem se organizar e passar a exigir do Governo medidas que concorressem para o desenvolvimento daquelas pessoas.

Então o Projeto Crescer é uma coisa concreta: geriu os destinos de vários Estados. É bem verdade que é uma semente plantada onde há municípios que sua ação não chega a 70 famílias.

RN/Econômico — Esse Projeto Crescer não foi criado para servir de trampolim para sua carreira política, para a sra. chegar aonde chegou hoje, com a maior votação da história política do Rio Grande do Norte?

Wilma Maia — Não foi criado para isso. Nunca pensei em ser candidata a coisa nenhuma quando o Projeto Crescer foi criado. Inclusive o Projeto Crescer foi feito de uma forma bem neutra com relação à escolha dos crité-



... uma Constituinte ...

rios dos habitantes a serem assistidos. Quando a gente ia a determinado município, escolhíamos a área a ser trabalhada independente da população ser de um lado ou de outro. Não perguntávamos se aquela família estava do lado do Governo ou não, ela era beneficiada independente de qualquer escolha partidária.

RN/Econômico — A sra. tem idéia de quantas famílias foram beneficiadas com o Projeto Crescer?

Wilma Maia — Dez mil famílias. Depois que eu saí essa meta foi ampliada para todas as regiões do Rio Grande do Norte, mas o Projeto foi iniciado na cidade de Mossoró. Inicialmente nós fizemos as cidades grandes porque a situação era mais difícil em relação à periferia devido à migração acelerada que houve em virtude dos cinco anos consecutivos de seca. Existia uma população na periferia das cidades que estava totalmente marginalizada e precisando da assistência do Projeto Crescer.

RN/Econômico — Sim, mas de concreto mesmo, o que a sra. realizou?

Wilma Maia — O que realizei de concreto, foi além do Projeto Crescer, um trabalho com os menores na Febem, com a criação de grupos preventivos com assistência aos menores que estão à beira da marginalização, com alimentação, educação informal e formação profissional. Fizemos o programa de habitação conven-

FOTOS: JOÃO MARIA ALVES



... sem ser paternalista

cional, que são os conjuntos habitacionais feitos através da Cohab, que é vinculada à STBS, além de programa de formação de mão-de-obra. É difícil você mencionar as obras que você executa na área social porque elas não se inauguram. O que inaugurei muito foram os centros sociais, mas eles em si não significam muita coisa o que significa muita coisa é o trabalho que pode ser feito dentro desses centros, como a organização comunitária, criação de conselhos comunitários para que a comunidade comece a formar suas lideranças a fim de que elas tentem organizar a comunidade para forçar mudanças. Então esse foi um trabalho importantíssimo que fizemos.

RN/Econômico — Qual a verdadeira história da inclusão do seu nome na chapa de Deputado Federal?

Wilma Maia — Depois da minha derrota para Prefeito, decidi que não sairia da política porque existia uma expectativa de toda a população. Eu recebia em minha casa milhares de pessoas que vinham prestar sua solidariedade diante da minha derrota, ao mes-

mo tempo em que pediam para que não abandonasse a vida pública. Também recebi centenas de telefonemas e de telegramas, todos me pedindo para continuar.

Todos me diziam que aquela derrota era um incentivo para eu continuar na vida pública e eu acho que as derrotas realmente dão mais maturidade, porque se aprende muito, se faz uma avaliação para saber quais foram os erros e os acertos. Então me senti vitoriosa naquele momento em que a população estava me pedindo para continuar na vida pública, mas não sabia a que cargo.

Começaram as especulações em torno do meu nome para Deputado Estadual, para Deputado Federal e para Vice-Governador, mas comecei a vê que talvez fosse melhor eu ser candidata a Deputado Estadual porque seria uma oportunidade de servir ao Estado e de ficar em Natal, que era exatamente a população que estava mais aproximada a mim em termos políticos; depois houve a especulação do próprio grupo político tentando me lançar a Vice-Governador. Foi então que senti que havia pressão do próprio interior do Estado porque eu can-

didata a Deputado Estadual teria muitos votos e iria prejudicar os próprios companheiros e eu estava sendo privada de ir ao interior, porque não gostaria de atrapalhar a vida dos meus amigos que estavam pleiteando uma vaga na Assembléia Legislativa.

Fui convidada para receber título de cidadania no interior, para paranimfar turmas e sempre vinha o problema da minha mobilização para o interior. Como Deputada Estadual eu seria eleita por Natal, o que nunca aconteceu, mas já pensando no Voto Distrital eu queria fazer uma experiência nesse sentido, mas a pressão das lideranças não deixou. Surgiu então a possibilidade de Lavoisier sair candidato a Senador e o próprio grupo exigiu a minha presença na chapa federal para fortalecer a Aliança Popular.

RN/Econômico — Houve alguma reação para sua entrada na chapa para Deputado Federal? Sabe-se que alguns candidatos queriam vê-la fora do processo para poder ficar com a primazia do primeiro lugar na votação.

Wilma Maia — Você sabe que em política há especulações de

FIQUE

COM

UM BEM

DA TERRA.

Ser cliente do Bandern é vestir a camisa do RN. É valorizar o RN. É colaborar para que os bens da terra fiquem aqui mesmo.

Para que isso aconteça, fique com o Bandern.

Nada mais justo.



bandern
um bem da terra.

todo tipo. Eu, pessoalmente, não tive nenhum problema com relação à minha candidatura a Deputado Federal porque todos aceitaram muito bem quando saí candidata; achavam, inclusive, que eu iria reforçar a coligação, principalmente aqueles que estavam definindo as coisas, como foi o caso do Deputado Federal João Faustino, Antônio Florêncio, candidato a Vice-Governador.

João perdeu eleição mas continua líder

RN/Econômico — A sra. sabe que Flávio Rocha, na época não queria vê-la como candidata à Câmara dos Deputados, porque ele queria obter a maior votação entre os candidatos.

Wilma Maia — Acho que não aconteceu isso não, porque inclusive quando entrei como candidata comentava-se que eu iria me eleger, mas em quarto lugar porque não tinha condições financeiras para assumir uma campanha e não disporia de condições de mobilização por ser uma mulher, além de estar começando a campanha faltando apenas 90 dias para as eleições. Quer dizer, já comecei bastante atrasada e ia pegar a votação dos municípios grandes porque os pequenos já estavam todos definidos com os chefes políticos com os compromissos assumidos. Nos municípios grandes os eleitores são mais independentes, não existem colégios eleitorais definidos para determinadas pessoas.

RN/Econômico — Então a sra. acha que não passou de fofoca?

Wilma Maia — Acho.

RN/Econômico — Por que a sra. não saiu candidata na chapa do Deputado João Faustino?

Wilma Maia — Essa é uma história muito comprida. Na verdade, nunca fui convidada para ser companheira de chapa do Deputado João Faustino. Fui contactada pelo Deputado para ver qual era a melhor posição que eu poderia assumir dentro do grupo

da Aliança Popular. Então discutimos a possibilidade de eu sair Vice-Governador, mas me pus à disposição do grupo todo. Para me realizar politicamente eu não me realizaria como Vice, mas estava disposta a aceitar, inclusive demonstrei isso numa entrevista ao **Diário de Natal**, quando afirmei que não fecharia as portas para o diálogo. Chegou um momento que era tão grande a pressão que eu disse que aceitaria.

RN/Econômico — É verdade que houve pressão por parte da família do Deputado João Faustino para a senhora não sair na chapa dele?

Wilma Maia — Pessoalmente nunca tomei conhecimento disso. Sei, apenas, que havia especulação nesse sentido, mas nunca tomei conhecimento.

RN/Econômico — Qual o relacionamento da sra., hoje, com o Deputado João Faustino?

Wilma Maia — Tenho um excelente relacionamento com o Deputado João Faustino. Ele perdeu a campanha mas ele continua sendo o líder e era o melhor candidato que nós tínhamos no momento. Se perdemos a campanha não foi porque o candidato era João Faustino.

RN/Econômico — Por que João Faustino perdeu a eleição?

Wilma Maia — Por vários fatores. Primeiro pela **peemedebite** que houve no Brasil. O PMDB soube aproveitar muito bem o Plano Cruzado, que de repente deixou o País como se estivesse num momento de ilusão. O Presi-

dente, com uma varinha de condão, de repente resolveu o problema da inflação, da especulação; todo mundo com dinheiro no bolso para gastar, consumindo desbragadamente. Estava todo mundo feliz, os empresários porque estavam vendendo, e o povo porque tinha dinheiro para comprar. Os preços não estavam congelados, embora os salários estivessem.

Então o PMDB soube aproveitar esse momento e capitalizou para si esses resultados, enquanto o PFL não conseguiu faturar os efeitos do Plano Cruzado, ele não empunhou a bandeira, o que o PMDB fez rapidamente. Com a decretação do Plano Cruzado, o Presidente ficou numa encruzilhada porque o PMDB não estava compartilhando dos problemas do Governo, mas quando eles viram que a popularidade do Presidente cresceu, eles imediatamente conseguiram capitalizar os efeitos do Plano Cruzado.

A Aliança subestimou o nosso adversário

RN/Econômico — Mas quais foram as outras causas da derrota de João Faustino?

Wilma Maia — Quero deixar bem claro que foram nove meses de ilusão com o Plano Cruzado, ele nasceu e morreu. Mas a segunda causa foi a palavra mudança. Essa é uma palavra muito forte, que consegue emocionar a



Wilma chega à Constituinte como a deputada mais votada



CONSTITUINTE?

O CAFÉ ESTÁ PRESENTE EM TODAS AS
DECISÕES DA VIDA BRASILEIRA.



Qualidade, sabor
e economia.

Escritório : Rua Jerônimo Rosado, 90
Mossoró (RN)



CONSTITUIÇÃO 1987

A índole democrática do povo brasileiro consagrou a livre iniciativa como a melhor forma para a conquista de nossa independência econômica.

Mais uma vez, na história política do país, a Assembléia Nacional Constituinte ratificará os inalienáveis postulados de liberdade e justiça que são apanágios de nossa civilização.

A MANUFATURA DE PORCELANA BEATRIZ S. A., empresa pioneira em seu ramo de atividade no Rio Grande do Norte, manifesta de público sua fé na inteligência e no patriotismo dos políticos constituintes de 1987.



MANUFATURA DE PORCELANA BEATRIZ S. A.

Fábrica: BR-304, Km. 296

Eduardo Gomes (RN)

Escritório: Rua João Pessoa, 402 – Sala 267

Ed. Cidade do Natal

Natal (RN)

população e ela define muitas coisas em cima da emoção.

Geraldo Melo soube fazer uma campanha com competência, usando a palavra mudança. E isso talvez tenha levado o nosso povo a pensar que também no Rio Grande do Norte com uma varinha mágica Geraldo Melo viria e resolveria todos os problemas, como desemprego, miséria, etc.

A terceira razão, não poderia deixar de citar, foi a subestimação. Em 82 tivemos uma vitória de 107 mil votos de maioria e talvez tenha levado o nosso grupo a subestimar um pouco; também perdemos muitos companheiros que não podíamos ter perdido.

Minha votação foi espontânea

RN/Econômico — Quem do seu grupo subestimou o adversário?

Wilma Maia — Acho que o grupo de um modo geral. Não quero citar nomes. Nós subestimamos e não deveríamos ter perdido companheiros importantes como perdemos.

RN/Econômico — Quem, por exemplo?

Wilma Maia — Wanderley Mariz, os companheiros que foram candidatos na época a Prefeito de Areia Branca e de Macau...

RN/Econômico — Um Governo que perde uma eleição por apenas 15 mil votos, a sra. não acha que ele deu uma demonstração de incompetência?

Wilma Maia — Não foi isso. Você sabe que todos os Governos perderam a eleição por uma grande margem de votos. Acho que foi justamente o contrário, nós conseguimos dar uma prova de competência perdendo por pouco, e tudo estava contra a gente. Veja a vitória arrasadora do PMDB no Ceará, na Paraíba, em Pernambuco, em todo o País.

RN/Econômico — A sra. não acha que se o Governo tivesse trabalhado um pouquinho mais a Aliança Popular teria feito o Governador?

Wilma Maia — A gente não pode fazer conjecturas em políti-

ca. É difícil. Fizemos o máximo.

RN/Econômico — Dona Wilma, a senhora gastou muito dinheiro na campanha?

Wilma Maia — Gastei poquíssimo, por isso posso explicar.

RN/Econômico — A sra. pode dizer de onde saiu o dinheiro de sua campanha?

Wilma Maia — Posso, tranquilamente. Não tive a preocupação de compra de cabos eleitorais porque prestei serviços durante muitos e muitos anos, então o investimento que deveria fazer já tinha feito há anos. Veja bem que a minha maior votação foi nas cidades grandes, onde o povo é independente e não se compra eleitor.

Em Natal tive 50.600 votos; em Mossoró, 16.870; em Caicó, com 3 mil votos; em Currais Novos fui a mais votada; Açu tive 5.804 votos. Todos foram votações significativas e foram conseguidas a custo zero. Agora o que eu gastei foi na parte publicitária, mas você não via um outdoor meu, um mini outdoor. A minha propaganda era apenas um retrato meu que aproveitei da campanha de Prefeito.

A minha despesa maior foi com carro de som. Nós montamos alguns carros de som, mas conseguimos as Kombis de amigos nossos que nos emprestaram e colocamos o serviço de som em cima, que também conseguimos com o apoio dos amigos.

RN/Econômico — A sra. sabe quanto gastou na campanha?

Wilma Maia — Olha, eu não sei dizer exatamente quanto gastei porque não posso computar o valor das Kombis e do som que os amigos me emprestaram porque não sei quanto custou. Depois da campanha eu devolvi tudo. Só para dar um exemplo: o Café Kimimo me deu dois carros de som e montou o restante, quer dizer, não sei quanto ele gastou.

O que houve é que o investimento já tinha sido feito antes. Enquanto os demais candidatos deixam para fazer o investimento na época da campanha, eu já tinha feito antes. Em Caicó eu não fui apoiada por nenhum chefe político e tive 3 mil votos e fui mais votada do que o candidato do prefeito, de Iramí e dos chefes

políticos. Isso demonstra que a minha votação foi muito espontânea porque eu tinha serviços prestados em Caicó. Quantas vezes fui àquela cidade levando benefícios, implantando creches comunitárias, levando o Projeto Crescer.

O Secretário de Estado geralmente está à frente da administração e ele realiza através de seus assessores, mas eu fazia questão de ir pessoalmente, de vê a localização do Projeto Crescer, saber das necessidades da população porque eu acreditava que a administração não se fazia dentro dos gabinetes com ar refrigerado planejando diferente das necessidades do povo.

RN/Econômico — Dona Wilma, o que é ser Deputada Federal?

Wilma Maia — Acredito que ser Deputada Federal é exatamente exercer uma função legislativa e elaborar leis que vão beneficiar a população. Este ano nós temos uma dupla função: ser Deputada, preocupada com a legislação ordinária e ser Deputada que vai elaborar a nova Constituição do Brasil.

Antes fui contra uma Constituinte Congressual. Eu era a favor de uma Constituinte Exclusiva até porque eu sabia que o debate não ia se processar realmente, como não se processou porque a campanha de Governador foi mais forte do que a dos constituintes.

Vivemos num país muito centralizador

RN/Econômico — Que propostas a sra. leva à Constituinte?

Wilma Maia — Levo várias propostas que colhi exatamente no seio do povo. Não são idéias minhas, são idéias que colhi no meio da comunidade. Primeiro, me preocuparei com o problema da mulher, que ainda é muito discriminada. Vou lutar por uma legislação justa e igualitária para a mulher, não só na Constituinte, mas você tem de se preocupar com as leis ordinárias e complementares exatamente para disci-

plinar e regulamentar o que ficou definido na Constituição.

Vou lutar pela reforma agrária porque considero da maior importância para o sistema econômico do País. A reforma agrária para o desenvolvimento econômico do País é muito importante e não pode acontecer se não houver o desenvolvimento da agricultura e o desenvolvimento da agricultura não pode passar sem uma reforma agrária, não apenas a distribuição da terra mas principalmente o crédito descomplicado, que isso não existiu; o redimensionamento do papel da própria Sudene, que nunca se preocupou com a parte da agricultura. Há dois anos que a Sudene está com seu papel para ser definido e continua como um monstro, com uma superestrutura sem dar condições ao agricultor.

O PMDB fez uma campanha muito bonita com relação à reforma agrária quando estava na oposição. Assumi o poder e nada saiu em termos concretos com relação à reforma agrária e nem dinheiro existe para a desapropriação de terras. Acho que isso é uma questão de prioridade, se o PMDB considerasse que a reforma agrária era prioritária no seu Governo, os recursos deveriam estar disponíveis. O PMDB gasta muito dinheiro em coisas que não são prioritárias, como o reflorestamento, que geralmente são beneficiados os grandes proprietários. Há muita coisa feia a respeito do reflorestamento. Os recursos para reflorestamento não faltam, mas para a reforma agrária faltam. A reforma agrária tem de vir com crédito descomplicado, com assistência técnica e com um amplo programa de comercialização para dar o preço justo e, dessa forma, ter condições de povoar os campos.

RN/Econômico — O País continua sem saber a verdade sobre o reflorestamento. A sra. sabe de algum escândalo aqui no Estado?

Wilma Maia — Eu sei que existem realmente muitos escândalos e agora como Deputada Federal, com um mandato nas mãos, vou ter todas as condições de verificar isso de perto.

RN/Econômico — A sra. acha que a reforma agrária é

prioritária?

Wilma Maia — A reforma agrária é uma questão de prioridade porque o Governo tem de definir as suas prioridades e trabalhar em cima dessas prioridades. Será que a prioridade é o assistencialismo ou a promoção humana? Nós temos de nos preocupar com o social, mas no sentido de promover o homem e não de dar esmolas. Hoje nós temos 60% da população na zona urbana. Por que? Porque houve um êxodo rural acelerado, além dos problemas que aconteceram no Nordeste com cinco anos de seca, houve também o problema da falta de assistência ao homem do campo. Isso porque nós vivemos num País centralizador, onde todas as decisões vêm de Brasília.

RN/Econômico — O poder centralizador é muito do povo latino. O saxão americano não tem isso não. O Governo faz o mínimo e dá toda liberdade à iniciativa privada para que ela cumpra com o seu papel, daí o progresso deles.

Wilma Maia — Veja aí a situação dos Estados e Municípios que não têm autonomia nem administrativa nem financeira para resolver os seus problemas.

Me preocupo muito com a educação

RN/Econômico — Nós criamos um Governo imenso, poderoso e hoje esse Governo está contra a gente...

Wilma Maia — O que existe é uma contradição. No Brasil nós temos uma população pobre e miserável, enquanto nós temos um Governo rico e poderoso que tudo pode e tudo faz. Nós continuamos a viver um momento de autoritarismo; vivemos numa pseudo Nova República com um Governo altamente autoritário. Aquilo que era combatido pelo PMDB, como o decreto-lei, que era chamado de lixo autoritário, continua do mesmo jeito, tudo sendo feito de uma forma autoritária e sem nenhuma transformação.

RN/Econômico — Dona Wilma, o que deve ser feito para

acabar com esse poder todo do Governo?

Wilma Maia — Primeiro temos que dar poder ao Legislativo. Hoje o Legislativo não tem poder que deveria ter; depois a gente devia fazer uma reforma tributária para dar mais apoio aos Estados e Municípios. No Nordeste, por exemplo, temos muita riqueza, e uma infinidade de impostos que são arrecadados para a Nação, e nós, que não somos um Estado produtor, somos prejudicados por conta do ICM.

Sou a favor de uma reforma tributária, que deve ser estudada pelos especialistas porque, na verdade, terá Município que não sobreviverá porque não tem renda nenhuma.

RN/Econômico — A Deputada Wilma Maia é Presidencialista, Parlamentarista ou teria uma outra forma de Governo?

Wilma Maia — Sou Presidencialista, agora estudo a possibilidade de um sistema híbrido, onde a gente possa fazer com que a forma de Governo seja entre o Parlamentarismo e o Presidencialismo, agora isso necessita de estudos e o que foi proposto pela Comissão Afonso Arinos precisa ser bem revisto. O momento atual brasileiro cabe bem o Presidencialismo.

RN/Econômico — A sra. conhece o trabalho da Comissão Afonso Arino?

Wilma Maia — Conheço, sim. Dois jornais do Sul divulgaram o texto na íntegra. Agora acho que o trabalho precisa ser bem divulgado para que o povo tome conhecimento, para que o povo discuta as suas propostas, mas as coisas acontecem nesse País de uma forma muito estante.

RN/Econômico — A impressão que se tem é que o Governo está preocupado em fazer uma Constituição que defenda os seus interesses e não os interesses do povo.

Wilma Maia — É. Agora o que eu tenho me preocupado muito é com relação à educação. Sou a favor da educação pública e gratuita em todos os níveis, a começar pelo pré-escolar, que a Constituição não prevê. Precisamos fazer com que nesse País se dê prioridade ao social e que os recursos sejam definidos para a educação. Existe a Emenda Cal-

mon que destina 13% do orçamento da Nação para a educação e 25% dos orçamentos dos Estados e Municípios e a gente sabe que isso não é possível.

O grande investimento desse País é na educação. Precisamos mudar também a concepção de educação, que não deve ser apenas uma transmissora de conhecimentos. Ela deve procurar formar o cidadão para que ele tenha uma consciência crítica do que deve fazer, porque ele deve ser mesmo o sujeito da história. Deve cobrar os seus direitos e saber quais são os seus deveres. Então a partir desse princípio, sou favorável a que a gente possa fazer com que a criança manuseie a Constituição para conhecer os seus direitos.

Devemos formar nossas crianças para que ela saiba o que é a Constituição, o que contém, para que ela seja cumprida. Veja o problema dos lucros nas empresas, que foi estabelecido desde a Constituição de 46, mas isso nunca foi regulamentado. Então não adianta a gente estar discutindo a Constituição, que vai ser maravilhosa, progressista, etc, etc, mas que não se cumpra.

A Constituinte não é uma panacéia

RN/Econômico — A sra não acha que isso decorre do baixo nível cultural do povo?

Wilma Maia — Mas é isso que estou falando. O problema começa a partir da formação do povo. Você não vai ensinar a uma criança repetir números, repetir palavras; você tem de ensinar a criança a saber que está num determinado espaço físico, a fazer com que ela tenha uma consciência crítica para exatamente cobrar o que lhe pertence, o que a sociedade lhe deve.

RN/Econômico — Que análise a sra. faz da proposta de Pacto Social que o Governo está querendo fazer à sua maneira?

Wilma Maia — Acho que é uma reforma autoritária. O Pacto Social foi proposto antes de Tancredo Neves assumir já para apa-

ziguez os ânimos da sociedade com relação à classe trabalhadora, à classe empresarial e ao próprio Governo. O Pacto acabou a partir do lançamento do Plano Cruzado, quando a gente pensou que estava vivendo as mil maravilhas. De repente o Governo lança o Cruzado II sem nenhuma explicação ao povo, que estava vivendo momento de ilusão. Não vou discutir se as medidas corretivas eram necessárias, mas discordo da forma como elas foram lançadas.

O povo demonstrou que está se organizando a partir do momento que decretou uma greve geral no País, apesar de não se ter tido acesso aos meios de comunicação. O povo não tem tradição de greve e em apenas três semanas preparou a greve. Ainda com relação ao Pacto Social, o povo não aceita que ele seja feito de forma unilateral porque o Governo precisa também dar sua parcela de colaboração. Nós temos dois grandes problemas no País, que são a dívida externa e déficit público, então o Governo devia dar o exemplo. Durante esses nove meses do Cruzado, o próprio Governo deu o mal exemplo do consumismo.

RN/Econômico — A sra. tem ainda alguma outra proposta para levar à Constituinte?

Wilma Maia — Nós vamos trabalhar em cima das idéias e princípios. Depois da Constituinte é que nós vamos trabalhar em cima das leis que vão regulamentar esses princípios, que são as leis ordinárias e complementares. Aí eu vou me preocupar com o problema da aposentadoria, que é seríssimo. Uma pessoa se aposenta hoje e vai ganhar 40% a menos do seu salário, quando na realidade ela precisa ganhar mais; vamos cuidar do problema da aposentadoria do homem da zona rural, que é a metade de um salário mínimo; vou me preocupar com o problema do deficiente, para que o Governo dê educação para essas crianças que nascem com deficiências.

RN/Econômico — Dona Wilma, a sra. não acha que de repente a Constituinte se transformou na grande panacéia nacional?

Wilma Maia — Se transfor-

mou, sim. Se acha que a Constituinte vai resolver todos os males do País. Hoje existem determinadas leis que não foram cumpridas, então não adianta você fazer uma Constituição tendo tudo o que você gostaria que tivesse e que não se coloca em prática.

A Constituinte não é uma panacéia para resolver todos os males. Ela tem de ser enxuta e que possa definir os princípios gerais. Nós deveremos, após a promulgação da Constituição, fazer com que todo o povo brasileiro tenha uma consciência da importância de se cumprir com aquela lei, e se definir a partir da lei maior, as leis ordinárias e complementares. Para isso é importante, não só a conscientização do povo, mas que os deputados tenham ciência da sua responsabilidade.

Geraldo ganhou porque foi muito competente

RN/Econômico — A partir do dia 15 de março qual será o posicionamento da Deputada Wilma Maia com relação ao Governo do Estado?

Wilma Maia — Naturalmente que serei adversária do Governo. Vou fazer oposição, não será sistemática. Será uma oposição coerente e construtiva no sentido de aplaudir na hora que for preciso, como também vou cobrar na hora que achar que devo assim fazer. Não pode haver democracia sem uma oposição responsável.

RN/Econômico — O que a sra espera do Governo Geraldo Melo?

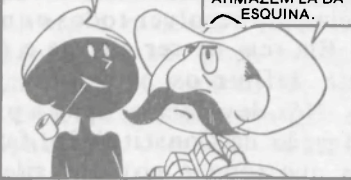
Wilma Maia — Bem, Geraldo Melo é um homem que viveu uma parte de sua vida como empresário, preocupado muito mais com os problemas pessoais. Espero que ele faça um Governo dirigido para todos os norte-riograndenses, e acredito que ele não fará um Governo radical. Ele já disse, e nós vamos cobrar isso, que não vai usar os mesmos métodos de Aluizio Alves, de perseguição. Disse que vai ver os norte-riograndenses como um todo e vai precisar do apoio do povo,

SUPER FEIRÃO DE PISOS E AZULEJOS

JOCA, QUE HÁ MUITO TEMPO PRECISAVA REFORMAR SUA CASA, CONTOU A SACI E...

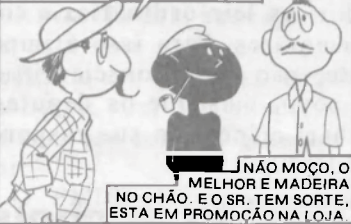
QUE LEGAL, VAMOS JÁ P/ O FEIRÃO DA SACI! TUDO PELOS MELHORES PREÇOS... E QUE ATENDIMENTO!

NÃO SEI NÃO ESSE NEGÓCIO DE FEIRÃO TEM MUITA LOJA POR AQUI. EU VOU E PRO ARMÁZEM LÁ DA ESQUINA.



DEPOIS DE ESPERAR UM TEMPÃO P/ SER ATENDIDO... UM TEMPÃO P/ EXPLICAR...

MOÇO, JÁ EXPLIQUEI CEM VEZES, PRA COZINHA, CERÂMICA VITRIFICADA, NO CHÃO, E AZULEJOS NA PAREDE.



NÃO MOÇO, O MELHOR É MADEIRA NO CHÃO. E O SR. TEM SORTE, ESTA EM PROMOÇÃO NA LOJA.

MUITAS HORAS DEPOIS, JÁ NA 20ª LOJA...

CLARO DOUTOR, NA NOSSA LOJA O CLIENTE MANDA, E O ORÇAMENTO É GRATIS. VEJAMOS: ÁREA DA COZINHA 3 x 4 = 11? OU 4 x 3 = 15?



JOCA ESTAVA MALUCO DE RAIVA... NOS LUGARES EM QUE FOI ENCONTROU: MAU ATENDIMENTO, PREÇOS ALTOS, INCOMPETÊNCIA, BAGUNÇA, MATERIAIS DE BAIXA QUALIDADE...

ATÉ QDO. VOCÊ VAI SER CABEÇA DURA? O FEIRÃO DA 50% DE ABATIMENTO NO PREÇO DE PISOS E AZULEJOS, O ATENDIMENTO NA SACI É ESPECIALIZADO E O MATERIAL, DE ALTO NÍVEL E...



ENFIM, O FINAL FELIZ CHEGOU NESTA HISTÓRIA...

PUXA, POR QUE EU NÃO VIM ANTES NA SACI? É TUDO ORGANIZADO MESMO, E O LEGAL É QUE TEM OUTRAS PROMOÇÕES ALÉM DO FEIRÃO. VOU JÁ COMPRAR TUDINHO AQUI!



COLOQUE NA SUA CONSTRUÇÃO OU REFORMA UM FINAL FELIZ. COMPRE NA SACI!

SACI ONDE NATAL COMPRA!

R. GURGEL LTDA
Saci
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Rua Pio Bandeira, 828 - Tel.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 - Ribeira
NATAL-RN

até porque ele ganhou uma eleição com uma pequena maioria de votos.

RN/Econômico — Dona Wilma, a sra. acha que num Estado que tem uma política bipolarizada, alguém pode fazer um Governo contrariando os interesses dos Maia e dos Alves?

Wilma Maia — E possível.

RN/Econômico — Como?

Wilma Maia — Geraldo Melo ganhou a eleição muito pela sua competência dentro do PMDB. Ele aproveitou muito bem as teses do PMDB. Foi ele quem fez isso e vai ter muita liberdade para governar. Acho que ele fará um trabalho muito mais proveitoso sem representantes da família Alves. Geraldo vai governar independente de grupos familiares, embora eu conhecendo como conheço Aluizio Alves, sei que Geraldo terá muita dificuldade de governar. Ele terá dificuldade para contornar a intromissão da família Alves, pois sei que Aluizio Alves vai exigir participar do secretariado.

RN/Econômico — Os Maia vão pleitear uma participação no Governo?

Wilma Maia — Os Maia vão pleitear tudo aquilo que foi prometido para o povo do Rio Grande do Norte, é uma forma de fazer democracia, uma oposição com responsabilidade. Eu pessoalmente farei isso. Estou falando no nome de Wilma e não dos Maia.

RN/Econômico — A Deputada Wilma Maia age independente da vontade política do grupo Maia?

Wilma Maia — Não é propriamente independente do sistema político. Eu tenho o meu grupo político e tenho de me aliar a ele, para que aja unidade.

RN/Econômico — O que a sra. acha do Governo Sarney?

Wilma Maia — O Governo Sarney tem tido altos e baixos. Acho que é um Governo autoritário e que não enterrou ainda o lixo autoritário que ele próprio fala. É um Governo que não tem uma definição exata da política econômica e que não acabou com a impunidade nem o assistencialismo.

Os próprios ministros da área

econômica estão perdidos. Se no ano passado nós pensávamos através de uma ilusão muito grande que veio através de informações do próprio Governo, que nós teríamos uma inflação zero, este ano nós estamos caminhando para uma inflação de 200 a 300 por cento, com uma taxa de juro altíssima. O próprio PMDB não quer assumir o poder, o que fez quando tava tudo bem com o Plano Cruzado. No próprio Rio Grande do Norte o PMDB não fala nada sobre a situação econômica do País, não explica nada ao povo. Não há condição alguma de uma família viver com esse salário-mínimo.

RN/Econômico — O que é que a sra. acha do papel do PFL no Governo Sarney? O que é que o PFL está fazendo mesmo dentro desse quadro político?

Wilma Maia — O PFL foi o partido que realmente fez o PMDB estar no poder. Foi uma dissidência do PDS que apoiou o PMDB, mas o partido não tem recebido o tratamento que deveria, ele está sempre em desvantagem.

RN/Econômico — A sra. acha que foi incompetência política?

Wilma Maia — Não. Acho que não houve lealdade em relação à definição do PFL dentro do Governo. O próprio PFL está revendo a sua posição a nível nacional, mas eu não posso falar em nome do PFL porque sou do PDS. Existe hoje uma coisa incrível: o Ministro Marco Maciel já foi colocado para fora do Governo pelo PMDB diversas vezes. É uma falta de respeito a quem contribuiu para a formação desse Governo.

RN/Econômico — Dona Wilma, o seu partido está se esmiaguando. O Senador Murilo Badaró já abandonou o barco, o Senador Jarbas Passarinho assumiu a presidência do PDS interinamente...

Wilma Maia — Eu pessoalmente posso falar sobre o PDS. Entrei no partido depois que ele deixou de ser Governo. Entrei no PDS sabendo que estávamos prestes a ter uma reforma partidária. Acredito que depois da Constituinte e mesmo durante a

instalação dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte nós não vamos nos reunir em torno de partidos, mas em torno de idéias, de compromissos assumidos. Isso vai mostrar que o PMDB não é mais um partido, é uma frente onde se acomoda todo mundo, que quer ficar perto do Governo, que é forte, centralizador e todo poderoso.

Na hora em que forem criadas as comissões não vai funcionar em torno de partidos, mas em torno de idéias, em torno de compromissos assumidos. Eu já conversei com alguns amigos que se elegeram pelo PDS. Na hora em que se instalar a Assembléia Nacional Constituinte os partidos vão acabar e cada um vai atuar de acordo com suas idéias e seus compromissos. Com a Constituinte acredito que haja a reformulação partidária e aí eu vou tomar meu rumo. Devo me acomodar numa sigla que esteja comprometida com as idéias e com meus compromissos políticos.

Garibaldi é um prefeito politiqueiro

RN/Econômico — Essa definição de rumos inclui a aproximação com algum outro grupo político do Rio Grande do Norte?

Wilma Maia — Especificamente não tem nada definido. Não podemos fazer conjecturas em política, porque é muito dinâmica. Você está pensando uma coisa e de repente há uma reviravolta nacional que lhe obriga a rever posições. Digo muito que o político, com pé maiúsculo tem que ser coerente e ter coragem de tomar uma decisão na hora certa, então quero tomar minha decisão na hora certa durante a reformulação dos partidos e quero ser coerente com os princípios que tenho levantado em cima dos palanques e nas praças públicas e durante os cargos públicos que exerci.

RN/Econômico — Deputada Wilma Maia, de 0 a 10, que nota a sra. daria à administração do Prefeito Garibaldi Alves?

Wilma Maia — Eu daria uma nota baixa, pelo seguinte: ele disse que faria mudanças, propôs ao povo de Natal mudanças e essas mudanças não aconteceram. Não vou analisar a administração de Garibaldi pelas ruas que ele está calçando porque isso é uma coisa corriqueira que todo administrador faz. O que vou avaliar é o método que ele está usando para administrar.

Garibaldi disse que daria prioridade à educação e eu não vejo a prioridade que ele está dando à educação, o que fez foi mandar construir uma fábrica de pré-moldados que ele disse que era para construção de escolas, mas o que eu vejo é que essa fábrica vai provocar mais desemprego na área de construção. O ideal é que fosse feito com tijolos, para aproveitar a produção das cerâmicas que têm no Estado.

O Prefeito não deu prioridade à educação porque as escolas municipais que conheço estão em péssimas condições; a situação da educação no município é precaríssima. Garibaldi disse que ia dar prioridade à saúde, que daria condições melhores ao pronto-socorro, que era obrigação da Prefeitura, mas até hoje não vi nenhuma ajuda da Prefeitura ao pronto-socorro do Hospital Walfredo Gurgel. Além disso, o Prefeito acabou com o projeto "Em Casa Também se Aprende a Ler" porque não estava dentro da filosofia dele. Acho que deveria ter dado uma outra orientação pedagógica ao projeto, mas não poderia nunca ter acabado com o projeto, que oferecia vagas às crianças que estão fora da escola.

Uma outra coisa que Garibaldi tanto combateu foi a política de emprego. Cadê a política de emprego da Prefeitura? E bem verdade que o emprego depende muito da política econômica do País. O que está sendo feito na Prefeitura é muito assistencialismo; ele passou o tempo todo dizendo que eu tinha feito uma política assistencialista e ele está fazendo somente, e exclusivamente, uma política assistencialista na Prefeitura.

RN/Econômico — Então a Deputada não tem uma obra sequer do Prefeito em benefício da cidade para citar?

Wilma Maia — O que ele tem feito é exatamente a política do café com leite, é uma administração feijão com arroz, como se diz na gíria. Ele está calçando ruas, andando pela cidade e procurando fazer festas populares como uma maneira de ficar mais popular. Está muito preocupado com a política e pouco com a administração e quase nada com a promoção do homem, que é isso que nos interessa.

RN/Econômico — Quer dizer que é um Prefeito festeiro?

Wilma Maia — É um Prefeito politiqueiro!

Os Maias se elegeram porque têm serviços

RN/Econômico — Mas, enfim, qual é a nota que a sra. dá ao Prefeito?

Wilma Maia — Eu não gosto de dar zero, dou uma nota abaixo de 5. (Risos).

RN/Econômico — Dona Wilma, o que representa para a sra. o peso de 143 mil votos?

Wilma Maia — Para mim representa muito porque é a responsabilidade de todos os constituintes eleitos é uma só, mas estou mais preocupada porque foram 143 mil pessoas que confiaram em mim o seu voto. Então eu tenho que merecer essa confiança através do trabalho e da ação que eu possa desenvolver na Constituinte e no Congresso Nacional. Vou lutar para isso e lutar para que o povo sempre tenha conhecimento daquilo que estou fazendo no Congresso.

Essa história do deputado ficar longe do Estado durante quatro anos não vai acontecer comigo não, vou fazer um esforço sobre-humano para estar sempre presente aqui participando das organizações comunitárias, dos órgãos de classe e dos sindicatos, exatamente para estar sendo abastecida de informações daquilo que o povo deseja.

RN/Econômico — O velho cacique Aluizio Alves elegeu seis familiares e a família Maia três...

Wilma Maia — A família Maia

elegeu três pessoas e cada uma tem um espaço político diferente. A família Alves elegeu seis, mas você nunca viu, por exemplo, Ismael Wanderley atuando na política do Rio Grande do Norte. Foi eleito somente porque é casado com uma filha de Aluízio Alves; você viu se eleger José Dias que também nunca atuou na política, porque é cunhado de Aluízio Alves; você viu Tata Alves se eleger, um garoto que nunca se preocupou em defender interesses da população e se elegeu porque é filho de Agnelo Alves e sobrinho de Aluízio.

Wilma, Lavoisier e José Agripino se elegeram porque têm serviços prestados ao Rio Grande do Norte. Eu não me elegi porque sou casada com Lavoisier e Lavoisier não se elegeu porque é parente de José Agripino, nem José Agripino se elegeu porque é parente de Lavoisier. Cada um tem serviços prestados ao Estado.

RN/Econômico — Existe realmente uma briga entre Lavoisier e José Agripino para deter a hegemonia política Maia no Estado?

Wilma Maia — Não existe. São apenas especulações. Cada um foi Governador, tem seu espaço político conquistado, cada um é líder. Lavoisier tem sua liderança e José Agripino também. É diferente da família Alves, que só existe um chefe e todos obedecem.

Na família Maia cada um conquistou o seu espaço através de trabalho e de serviços prestados ao povo. Lavoisier tem seu estilo. O que existe é que as pessoas que preferem o estilo de Lavoisier o consideram seu líder; e as pessoas que preferem o estilo de José Agripino o consideram o seu líder, então isso fica criando um problema e gerando essa especulação.

RN/Econômico — O Rio Grande do Norte é uma capitania hereditária onde só duas famílias têm vez: os Maia e os Alves. Quando surge no cenário político do Estado algumas novas expressões, possíveis lideranças, os Maia e os Alves tratam de anular no embrião antes que essas novas lideranças ameacem os dignitários da capitania. Qual a sua

opinião sobre o assunto?

Wilma Maia — O Rio Grande do Norte é um Estado pequeno onde existem grandes famílias que monopolizam a política. Mas isso não acontece somente aqui.

RN/Econômico — Em São Paulo não acontece isso.

Wilma Maia — Exatamente pela grandiosidade. O que acontece no Rio Grande do Norte é que as famílias são grandes, o Estado pequeno e a população pequena. Existe uma tradição das famílias entrarem na vida pública... Mas você veja bem. Vamos analisar com relação às famílias. A família Maia teve três governadores no poder.

RN/Econômico — Mas a sra. acha pouco?

Wilma Maia Ninguém foi candidato só porque era parente de Lavoisier. Eu não acho pouco, claro que não acho, mas veja que José Agripino foi eleito por via direta.

João Faustino era o melhor candidato

RN/Econômico — Existe uma lenda aqui que é a seguinte: quem nasce no berço de uma das duas famílias — Maia e Alves — não passa fome. Se não der pra nada, não tem problema, porque já tem assegurado na teta do Estado um peitinho pra mamar. Esse rodízio no poder entre as duas famílias vai durar por muito tempo ou a sra. acredita que isso vai acabar?

Wilma Maia — Acredito que a história da família não vai prevalecer. O que vai prevalecer são as propostas, os compromissos assumidos. A cada dia nós temos condições de ver as coisas mudarem. O que pode haver é coincidência em relação às famílias que estão no poder a nível de eleição majoritária. A nível de eleição proporcional concordo com você, de que pela influência política que a família exerce, realmente tem possibilidade de ficar um número muito maior de família no poder.

RN/Econômico — Então a sra. não acha isso justo?

Wilma Maia — Não é que não

ache justo. Acho que deve ficar no poder quem tem serviços prestados e quem pode realizar em benefício do povo. Não porque é filho de fulano de tal que terá condição de assumir o poder.

Agora, com relação aos Maia e os Alves você tem de concordar comigo de que os Maia têm serviços prestados, e os Alves não têm.

RN/Econômico — A Deputada Wilma Maia admite de novo disputar a Prefeitura de Natal já nas próximas eleições?

Wilma Maia — Em política a gente nunca pode dizer que as coisas são impossíveis de acontecer. A gente não pode dizer isso. Não pretendo me candidatar porque pretendo honrar o mandato que o povo me concedeu. Inicialmente a minha idéia é essa, mas como política é dinâmica e a gente nunca pode prever o futuro e em 88 vamos ter eleições... vou aguardar o desenrolar dos fatos. Só lhe digo uma coisa: não vou ficar distante dos fatos que acontecem na Prefeitura de Natal. Posso não ser candidata, mas não vou ficar distante porque existe um compromisso muito sério com o povo de Natal e dele não me afasto um só minuto.

RN/Econômico — De que maneira a sra. vai fazer oposição ao Prefeito Garibaldi Alves morando em Brasília?

Wilma Maia — Vou fazer oposição a ele tranquilamente, porque sempre que possível estarei em Natal. Já me comprometi de vir a Natal três vezes por mês. Além disso vou contar com a colaboração dos meus amigos, os líderes comunitários, os deputados estaduais e os vereadores, os candidatos que não conseguiram se eleger...

RN/Econômico — Se dizia na campanha que os ex-Governadores Lavoisier Maia e José Agripino eram os grandes motores que impulsionariam a candidatura do Deputado João Faustino. Quando se abriram as urnas, o Deputado João Faustino teve mais votos do que os dois motores. A sra. acha que faltou empenhou de Lavoisier e José Agripino?

Wilma Maia — Não foi exatamente isso. Disse desde o início que João Faustino era o melhor candidato que nós tínhamos, ele

tinha respaldo popular. Ele foi ajudado pelos companheiros, entre os quais Lavoisier Maia e José Agripino. Agora Lavoisier e José Agripino tiveram menos votos do que João porque a eleição de Governador sempre foi a mais importante, além do mais a chapa era muito difícil. A localização dos nomes de Lavoisier e José era muito difícil e muitos prefeitos não ensinaram aos eleitores como votar para Senador.

A preocupação maior de Lavoisier e José foi com a eleição de João Faustino, porque eles, pelas pesquisas, já estavam eleitos. E tem uma coisa: existe na população uma grande margem de semi-analfabetos e analfabetos. Como a gente não queria perder o voto do analfabeto, se ensinava a votar só para Governador

Ninguém é herdeiro político de Dinarte

RN/Econômico — A Deputada Wilma Maia se considera herdeira política do falecido Senador Dinarte Mariz?

Wilma Maia — Não. Acho que ninguém é herdeiro político de Dinarte Mariz. Ele foi um grande político, um grande líder que não deixou herdeiros. Deixou amigos que pensavam como ele e que lutavam como ele.

RN/Econômico — O Senador Dinarte Mariz foi o grande líder político desse Estado. Quem a sra. apontaria como o grande líder hoje?

Wilma Maia — Nós temos José Agripino, João Faustino, Lavoisier Maia, os próprios deputados federais que se elegeram.

RN/Econômico — E do outro lado?

Wilma Maia — Do outro lado nós temos Aluizio Alves, Geraldo Melo, Garibaldi Filho...

RN/Econômico — O Estado está cheio de líderes, mas a pergunta que fizemos foi qual o grande o líder que a sra. apontaria hoje no Estado?

Wilma Maia — A gente só pode achar a pessoa um líder depois de um certo tempo de vivência política. A maior parte das pes-

soas que falei está iniciando agora a sua vida política. Garibaldi nunca saiu do Estado, José Agripino vai sair agora para o Senado Federal e Dinarte Mariz tinha anos e anos de militância política, uma hora no Governo e outra na oposição. Mas se eu tivesse de escolher, escolheria José Agripino.

RN/Econômico — Como a sra. explica a derrota de Wanderley Mariz para o Senado?

Wilma Maia — Wanderley perdeu a eleição porque quando tomou uma decisão não consultou o povo e o povo não perdoa nem a incoerência nem a participação. Se eu tivesse de mudar de partido, antes faria uma consulta aos meus amigos e correligionários para saber se eles concordariam. O líder não pode tomar uma decisão sem a participação dos seus liderados, então o que aconteceu com Wanderley foi que ele passou muito tempo desligado dos problemas políticos do Estado e na hora que tomou uma decisão importante ele não consultou o povo, principalmente do Seridó.

Ele tentou se eleger em cima da força do PMDB, mas acontece que o povo não o aceitava como PMDB. Tanto que ele foi o quarto mais votado. Se esperava que a força que ele tinha fosse pelo menos o terceiro. Agora isso não retira as qualidades pessoais dele, é uma pessoa amiga, uma pessoa que gosta de servir. Infelizmente as vezes a gente erra politicamente e esse foi um erro dele.

RN/Econômico — A sra. acha que o Ministro Aluizio Alves conseguiu, finalmente, se vingar do velho Senador Dinarte Mariz?

Wilma Maia — Acho que ele conseguiu realmente, porque ele prometeu a Wanderley Mariz que ele seria eleito. No final Wanderley foi o quarto lugar na votação e se o PMDB tivesse elegido um Senador não seria Wanderley. Não houve empenho da família Alves nem do PMDB para que Wanderley fosse Senador.

RN/Econômico — Como é que a família Maia vai passar debaixo da liderança do Ministro Aluizio Alves, pelo menos até o término do mandato do Presidente José Sarney, com a força e o prestígio

que o dr. Aluizio tem?

Wilma Maia — Isso não é problema. A nível de Rio Grande do Norte, nós somos unidos. Fazemos uma divisão a nível de PFL porque José Agripino faz parte do Governo, nós do PDS somos desvinculados. Não há a menor dificuldade para se sobreviver politicamente na oposição, vou ser tão importante quanto aqueles que estão no poder; não sinto o menor medo de ser oposição.

RN/Econômico — Que análise a sra. faria do Rio Grande do Norte que passou 12 anos sob o comando da família Maia? O Estado saiu ganhando ou as perdas foram maiores?

Wilma Maia — O Estado teve muitas dificuldades nesses 12 anos porque participou de um Governo Federal que centralizou realmente o poder. Tudo era definido a nível de Governo Federal, até hoje é assim, não mudou nada em termos administrativos. Geraldo Melo vai ter muita dificuldade para governar.

Eu participei do Governo de José Agripino como Secretária e vi isso, as dificuldades que a gente tinha com o orçamento para desenvolver os programas que estavam planejados a nível técnico. A gente sempre tinha de recorrer ao Governo Federal para liberar verbas. Então nesses 12 anos de Governo muita coisa foi realizada. É bem verdade que muitas outras deixaram de ser realizadas exatamente pelas dificuldades da conjuntura e da estrutura. Nós tivemos muitas dificuldades para realizar determinados programas exatamente em função da conjuntura.

O Governo Maia deixou saldo positivo para RN

RN/Econômico — Então a sra. acha que o saldo foi positivo?

Wilma Maia — Foi altamente positivo. Muita coisa de bom foi feito em benefício do povo. Na área dos transportes foram mais de três mil quilômetros de estradas asfaltadas; na parte de eletrificação foi feita muita coisa;

no setor social muito foi feito; na área da habitação foram construídas milhares e milhares de casas. Só no Governo de Lavoisier foram construídas 30 mil casas; na agricultura também. Lógico que nesses 12 anos tivemos cinco de seca, além da praga do bicudo, que dizimou completamente nossa agricultura e nós que estamos à mercê da política econômica do Governo Federal tivemos muitas dificuldades. Agora mesmo com relação ao bicudo na Nova República nada foi feito.

RN/Econômico — E as perseguições dos Maia aos servidores públicos?

Wilma Maia — Todos os servidores tinham liberdade de escolher seus candidatos contra o Governo ou não. Quer dizer, era uma coisa que não existia antes.

RN/Econômico — Na área da indústria, os Governos Maia sofreram certa pressão com o abandono de algumas fábricas e a construção de novas.

Wilma Maia — No Governo de Lavoisier foram instaladas várias fábricas: a Texita; a Porcelana Beatriz; a Teka; a Sulfabril; lutou pela fábrica de cerveja e Guararapes Têxtil, que está funcionando agora. Agora o que houve foi uma recessão muito grande.

Vamos fazer uma comparação com o Governo da Nova República: de acordo com os dados do Ministério do Trabalho, nós tivemos, no ano de 86, um aumento no índice de emprego de 4,8%, mas esse aumento foi todo na região Sudeste, onde existe uma capacidade ociosa muito grande das indústrias. Mas aqui no Nordeste, em termos de desemprego, nós não tivemos nada de novo que mudasse esse quadro.

RN/Econômico — O que a sra. acha da UDR?

Wilma Maia — A União Democrática Ruralista é uma organização elitista para defender os interesses dos proprietários de terra, que estão inclusive lutando para impedir a reforma agrária. Mas a reforma agrária não se concretizou; não foi por conta da UDR.

RN/Econômico — E por que não se fez a reforma agrária?

Wilma Maia — Exatamente porque faltou a prioridade que

o Governo Federal não deu.

RN/Econômico — A sra. acha que falta coragem ao Governo para fazer a reforma agrária?

Wilma Maia — Faltou coragem e decisão. Se diz muito na retórica que se deve fazer opção pelo social, mas na prática isso não existe.

RN/Econômico — Qual a sua impressão, agora que a sra. tem voz e vez na Constituinte, das influências externas na economia deste País do Terceiro Mundo onde predominam as multinacionais?

Wilma Maia — O problema do Brasil hoje está muito preso, principalmente porque teve de recorrer ao FMI, em relação à dívida externa. Nós pagamos hoje o serviço da dívida e não tocamos no principal. O Brasil precisa mostrar que os banqueiros têm de negociar conosco porque senão eles também vão à falência. Um Banco como o City Bank emprestou ao Brasil 70% do seu capital, então a gente tem de mostrar a sua força.

Poder econômico deu vitória a Geraldo

RN/Econômico — Mas mostrar como?

Wilma Maia — Hoje em dia o Brasil exporta muita coisa e tem condição de se manter. O Brasil precisa mudar a sua política em relação aos recursos que recebe de outros países. Ele tem de começar negociando essa dívida externa.

RN/Econômico — Trocando em miúdos: O Brasil deve, o Credor quer receber e o Governo do Brasil acha que não deve pagar ao Credor. A sra. acha que isso está certo?

Wilma Maia — Não. Acho que o Brasil deve pagar, mas dentro de suas condições. Não deve mais sacrificar o povo.

RN/Econômico — Mas os Bancos não estão cobrando nem o principal?

Wilma Maia — Exatamente. Nós vamos ficar sempre numa dependência se não pagarmos o principal. O serviço da dívida deve ser bastante diminuído em

relação ao que a gente tem de pagar, caso contrário não teremos condições de pagar o principal.

RN/Econômico — Ora, nós não temos condições de pagar nem o serviço da dívida!

Wilma Maia — Nós não temos condições de pagar o principal porque o serviço da dívida é exageradamente alto.

RN/Econômico — Mas essa dívida foi feita exatamente pelos Governos passados, dos quais a família Maia participou?

Wilma Maia — Exatamente. Mas não quero dizer que eles estavam certos. Eu não participei, pois não era deputada nem coisa nenhuma.

RN/Econômico — O calote é a saída?

Wilma Maia — Acho que a gente não pode dizer que é a favor da moratória só porque está na moda. Irresponsavelmente eu não posso dizer isso, porque a gente deve ver quais são as consequências da moratória.

RN/Econômico — Se nós não produzimos o que comemos aí o bolo está feio. Pegaram as reservas cambiais que nós tínhamos antes e compraram carne.

Wilma Maia — Isso aí foi problema do Plano Cruzado, porque nós tínhamos superávit e esse dinheiro foi utilizado exatamente para fazer importação dos produtos. Houve um boicote dos produtores e o Governo não teve forças para evitar esse boicote.

O que aconteceu com a apreensão de boi em São Paulo foi um mero processo eleitoral para que Quércia ganhasse a eleição. Não houve nada de definitivo e concreto.

RN/Econômico — Como católica praticante, a sra. faz parte da Igreja progressista ou da Igreja conservadora?

Wilma Maia — Eu não tenho definição em relação à Igreja progressista ou tradicional. Acho que a Igreja deve ter um papel importante no contexto social. Acho que a Igreja deve ter sua ala tradicional mas deve também pensar no avanço social que a gente tem que ter e que pode colaborar, desde que a Igreja não interfira na política do Governo. A Igreja deve procurar ajudar a levar a informação correta aos

cristãos para que, dessa forma, possam se conscientizar de que devem participar das definições a nível das decisões.

RN/Econômico — Quanto tempo a sra. dedica à política?

Wilma Maia — Vinte e quatro horas por dia. Política é tudo o que a gente faz na vida.

RN/Econômico — O que é que mais rende voto? É conseguir um emprego, uma passagem, uma transferência?

Wilma Maia — O que rende mais voto é a coerência em relação aquilo que você coloca para a população e o que você consegue realizar.

RN/Econômico — Durante a campanha, o Deputado Henrique Alves disse nos palanques que ia dar uma pisa de votos em Wilma Maia. Como a sra. recebeu a ameaça?

Wilma Maia — Recebi com naturalidade. Apenas respondi que a mulher tinha de ser respeitada porque ela fazia parte da sociedade e ela também tinha os mesmos direitos de concorrer e que ele tinha de aceitar e apoiar a mulher como político.

RN/Econômico — Será que o erro do Deputado Henrique Eduardo não foi o mesmo cometido pela Aliança Popular em relação a Geraldo Melo, quando dizia que ele era rico, usineiro e baixinho, esquecendo-se que Geraldo também

era político?

Wilma Maia — Exatamente. Acho que foi um erro também.

RN/Econômico — Como a sra. analisa as duas campanhas, a de Geraldo e a da Aliança Popular feitas através dos meios de comunicação impressos e eletrônicos?

Wilma Maia — Pelo poder econômico, Geraldo Melo teve condições de fazer uma campanha mais competente do que a nossa. Não é que a nossa não tenha sido competente. Foi. Só que você tem melhores e mais profissionais trabalhando para você, principalmente se você tiver mais recursos. Geraldo teve muito mais do que nós, inclusive contratou equipes no Rio e em São Paulo para fazer sua campanha na televisão. Foi uma campanha caríssima.

RN/Econômico — Mas a Aliança Popular tinha uma equipe de São Paulo.

Wilma Maia — Mas era muito menor. A Aliança Popular trouxe essa equipe mas não foi completa. Uma coisa que eu disse no início da entrevista com relação a Geraldo Melo gostaria que ficasse registrado na entrevista: o poder econômico influenciou demais na campanha de Geraldo, não só de recursos da iniciativa privada do próprio Geraldo Melo, mas principalmente dos recursos que foram carreados das repartições

federais. A LBA foi realmente um instrumento de vitória da eleição de Geraldo Melo.

RN/Econômico — O que a sra. acha da redução do mandato do Presidente?

Wilma Maia — Sou favorável à redução do mandato. Sarney está aí para um mandato de transição, por isso acho que deve ser reduzido para quatro anos.

RN/Econômico — A sra. é favorável à reeleição de Presidente da República e de Governador?

Wilma Maia — Sou a favor da reeleição, desde que o mandato seja de quatro anos.

RN/Econômico — Dona Wilma, o PMDB acusou o Governo de José Agripino de gastar excessivamente com publicidade na televisão.

Wilma Maia — O então Deputado Garibaldi Filho dizia, juntamente com o seu grupo, que José Agripino fazia uma propaganda em excesso e era uma propaganda personalista. O Prefeito Garibaldi Filho está fazendo muito pior. Veja nos jornais ele dizendo aquilo que ainda vai fazer; não tem nada para dizer o que fez, está dizendo o que vai ser feito. Na televisão está sendo mostrada a imagem do Prefeito e, segundo informações que tenho, Garibaldi gastou, em 86, mais do que Marcos César em toda sua administração. □



A SAÍDA É FIAT.

SE VOCÊ ENTROU COM TUDO NA PROCURA DE UM CARRO ÁGIL E MODERNO, LUXUOSO E CONFORTÁVEL, OU ECONÔMICO E ESPACIOSO, VENHAMOS VISITAR. TEMOS AS SAÍDAS MAIS INTELIGENTES PARA APRESENTAR.

CONCESSIONÁRIAS
FIAT
Automóveis S.A.

ENTRE AQUI PARA CONFIRMAR:

Piassa

Av. San. Salgado Filho, 1669
Lagoa Nova
Fone: (084) 222-1588
Telex: (0842) 350 PSAU
59.000
Natal-RN

LINHA 87 FIAT

SEU CARRO FAZ PARTE DO SEU DIA-A-DIA

Em Carlos Auto Peças você encontra tudo que ele precisa: som, acessórios, peças originais, tintas automotivas e um tratamento todo especial.

- Loja 1 — Alecrim — Tel.: 223-2608
- Loja 2 — Hiper Bompreço — Tel.: 221-2831
- Loja 3 — Shopping Cidade Jardim — Tel.: 231-1119



A CASA QUE TEM TUDO



O CAFÉ DA FAMÍLIA

Rua dos Paianazes, 1545
PABX 223-2379
Natal-RN — 59.000



CONCESSIONÁRIO DO
CENTRO DE CULTURA
ANGLO AMERICANA
INGLÊS AUDIOVISUAL

O C. C. A. A. abre matrículas para o 2.º semestre-85. CURSOS: Regular, de Viagem, Intérprete, Inglês Comercial. O C. C. A. A. veio para servir. Venha ficar com a gente.

AV. RIO BRANCO, 767 — TEL.: 221-1468
CIDADE ALTA — NATAL-RN

COMÉRCIO & SERVIÇO



EMSERV

EMPRESA DE SERVIÇOS E VIGILÂNCIA LTDA.

VIGILÂNCIA BANCÁRIA,
INDUSTRIAL, RESIDENCIAL
E ÓRGÃOS PÚBLICOS.
TRANSPORTE DE VALORES
EM VIATURAS BLINDADAS.

Av. Campos Sales, 682 — Fones: 222-1810 — 222-1360 — Natal-RN — 59.000



Restaurante Xique-Xique

- Ambiente excepcional
- Cozinha excelente
- Atendimento sem igual

O ponto ideal para seu almoço ou jantar

Av. Afonso Pena, 444 • fone 222-4426

SERVIÇOS GRÁFICOS DE QUALIDADE

Do lay-out a impressão, RN/ECONÔMICO tem a solução. Formulários, notas fiscais, cartazes, material de expediente, tipográfico ou off-set, procure RN/ECONÔMICO. Faça do seu material sua apresentação.



FAÇA COMO MAIS DE 200 EMPRESAS, PROCURE RN/ECONÔMICO!

RN/ECONÔMICO
Rua São Tomé, 421 Tel. 222-4722 Cent

COMÉRCIO & SERVIÇO

Vamos alcançar um novo posto.



Rapidez no atendimento, ambiente amplo e agradável — check-up.

6 lojas de produtos e serviços, ilhas geladas (sorvetes e refrigerantes), loja Use e super-troca, possui 2 pavimentos que permitem abastecimentos de 17 carros simultaneamente.

AV. PRUDENTE DE MORAIS, N.º 2376 — FONE: 321-1657 — LAGOA NOVA

Nick DOCES E FLORES

BUFFET

ALMOÇO AOS DOMINGOS
C/MESA DE FRIOS — CHÁ DAS 5.

MATRIZ: AV. PRUDENTE DE MORAIS, 618
FONE: 222-3318
FILIAL: CCAB — LOJA 6 — FONE: 222-4833-
NATAL-RN

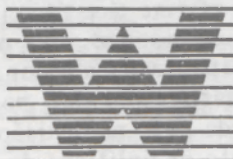
videofoto mania é pra sempre

HIPER CENTER BOMPREÇO
TELEFONE: (084) 222-7607

As melhores marcas em material de expediente e escritório.

WALTER PEREIRA
LIVRARIA E PAPELARIA LTDA.

LIVRARIAS:
• ISMAEL PEREIRA
(Ribeira)
• UNIVERSITARIA
(C. Alta)
• WALDUPE
(C. Alta)
• MODERNA
(Alacrim)



EMBRATUR 03467-00-42-4

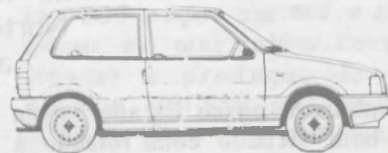
Passagens, excursões aéreas, marítimas, rodoviárias nacionais e internacionais. Crédito — Conta-Corrente — Aluguéis de carros — Traslados e passeios pela cidade.

PASSEIO MARÍTIMO EM VELEIRO — Saída diariamente às 09:00 horas do lake Clube, indo até a Praia de Ponta Negra. Preço por pessoa. USD 10.00.

FERNANDO DE NORONHA — Cruzeiro inesquecível em veleiro. — Duração 7 dias, incluindo um dia em Atol das Rocas, estadia e refeição à bordo. Preço por pessoa. USD 160.00.

Rua Jundiá, 340 — Tirol
Tel.: (084) 222-4685 — 222-0180
CEP 59.000 — Natal-RN

ALUGUE UM CARRO



Av. Rio Branco, 420 — Centro
Fones: (084) 222-4144 — 223-1106
Telex: 084-2544 — DUDU-BR
Aeroporto Int. Augusto Severo
Fone: 272-2446 — Natal-RN

Siga a estrela



Riachuelo

ONDE VOCÊ COMPRA MELHOR

Para fazer uma boa compra, tudo pelo Jet-Cred ou Cartão de Crédito Riachuelo.

R. JOAO PESSOA, 254 — FONE: 221-3727
NATAL-RN



Cooperativa dos Produtores
Artesanais do Rio Grande do Norte
FUNDADA EM 30 DE OUTUBRO DE 1963

Comercializa artigos de artesanato em palha de carnaúba e sisal, bolsas, sandálias, tapetes, serviços americanos e outros.

Rua Jundiá, 353 — Tel.: (084) 222-3802 — 222-0662
Endereço Telegráfico: "COPALA"
59.000 — NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

RN não tem força política

A Petrobrás vai instalar uma refinaria no Nordeste. Os políticos do Rio Grande do Norte esboçam tímida reação. A Petrobrás acha difícil o RN ganhar essa briga

Embora o nosso Estado esteja tão bem situado com relação à produção petrolífera, as possibilidades de instalação de uma refinaria no Rio Grande do Norte ainda são remotas. Enquanto ele produz bem, como o quarto do país e o terceiro do Nordeste, estando abaixo apenas da Bahia e Sergipe, a sua posição geográfica, segundo o Superintendente da Região de Produção do Nordeste Setentrional, Luiz de Siqueira Menezes, "não é das melhores". Contudo, não é apenas a localização do Rio Grande do Norte que poderá interferir decisivamente na instalação da refinaria mas, também, a sua infra-estrutura portuária, que para Luiz de Siqueira, "é precária e pesará bastante na decisão da Petrobrás". Paralelamente vem o problema político. A luta de alguns ministros junto ao Presidente Sarney em favorecer o seu respectivo Estado e no "ringue" estão Pernambuco e Ceará, embora nenhum seja produtor de petróleo.

Para Luiz de Siqueira, o conteúdo técnico-econômico de cada Estado é o que deveá pesar mais na decisão da Petrobrás, e ele acredita que "as chances maiores ficam com o Ceará, exatamente pela posição do Estado com relação ao mercado consumidor, tanto no Nordeste como na região Norte, visto que o importante é quem vai consumir os derivados e não quem os produz. A prova maior disso é que os Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná, por exemplo, não são produtores e possuem refinarias instaladas".

Como o Rio Grande do Norte, Fortaleza como cidade central para a refinaria enfrenta o mesmo problema portuário, e a implantação da refinaria lá significa a construção de um porto, sendo mais prático a ampliação

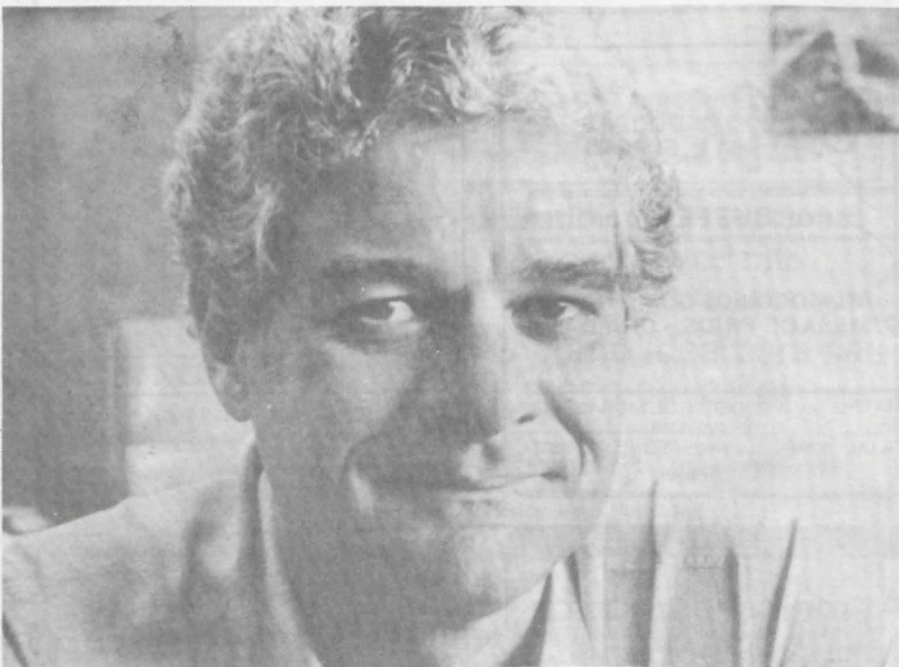
do porto de Natal. E é exatamente por ter um porto que atenda às necessidades que Pernambuco conta pontos e seus políticos lutam para ganhar esta causa. Porém as possibilidades do nosso Estado ainda não estão no todo descartadas. Para Luiz de Siqueira, se os norte-riograndenses forem os beneficiados, ela será instalada mais próxima ao Ceará, em Mossoró provavelmente.

Outro Estado do Nordeste, se-

poderiam nem mesmo manifestar nenhum desejo.

A construção desta tão cobiçada refinaria, segundo o superintendente da Região de Produção do Nordeste Setentrional, Luiz de Siqueira Menezes, levará cinco anos para concluir e terá um investimento em torno de 700 milhões de dólares, proporcionando ao Estado cerca de 1 mil e 500 empregos diretos. Ele afirma ainda que anualmente serão gastos na construção cerca de

FOTO: JOÃO MARIA ALVES



Luiz: refinaria não será do RN

gundo produtor nacional, não permanece à margem dessa "briga": a Bahia também gostaria de ganhar mais uma refinaria e já demonstra o grande interesse. Além da ampliação da refinaria de Mataripe, os baianos desejam a instalação de outra de pequeno porte, em relação às existentes no Recôncavo Baiano, com certeza esta que está sendo tão disputada. Se o peso maior fosse produção, certamente o Rio Grande do Norte e os demais Estados não

150 milhões de dólares e atualmente a Petrobrás investe bem mais no nosso Estado. Veja **box** à página.21.

POLÍTICA — Embora a Petrobrás afirme que o conteúdo técnico-econômico será o fator determinante para a construção da refinaria, o poder político terá grande peso na decisão final, enquanto os políticos do Rio Grande do Norte são acusados de morosos e desinteressados pelos

problemas do Estado e seu desenvolvimento sócio-econômico, os cearenses, pernambucanos e baianos, que ocupam postos de destaque junto ao Governo Sarney, se movimentam para garantir esta fatia, não pela necessidade, mas principalmente pelo

prestígio político que isso poderá proporcionar.

Enquanto Marco Maciel, chefe do Gabinete Civil da Presidência da República aumenta a sua popularidade junto ao Presidente, dentro da Petrobrás existe um político cearense — Edilson Tá-

vora — tentando reverter o quadro. E o Rio Grande do Norte passa a assistir de "camarote", como se pudesse dar-se a este luxo, ao que realmente acontece nos bastidores.

Engajado há dois anos na luta pela instalação da refinaria no

Petrobrás vai investir 3,7 bilhões no Estado

Enquanto a produção de sal no Rio Grande do Norte caiu consideravelmente em relação a anos anteriores, por consequência das enchentes ocorridas em 1985 que atingiram, principalmente, as salinas de Mossoró e Macau, o Estado permanece promissor no que se refere à produção anual de petróleo, a qual o coloca como quarta potência nacional de tão raro o caro minério.

Embora o país tenha encerrado o ano de 1986 amargurado pela política e medidas econômicas tomadas pelo Presidente Sarney, o Rio Grande do Norte pôde, por outro lado, sentir-se gratificado pelo seu desenvolvimento interno, sobretudo pelo crescimento da área petrolífera com a descoberta de novos campos, oferecendo assim uma produção diária, em 86, de 47.800 barris de petróleo.

Dentro dessa produção média diária, 25.300 barris são provenientes dos poços terrestres, 18.600 barris das plataformas marítimas e 3.900 são LGN — Líquido de Gás Natural, ou seja, petróleo extraído do resíduo do gás. Esta é a produção oferecida pelos 97 poços existentes no mar e os 1.029 terrestres que estão em funcionamento no Estado.

Os municípios de Alto do Rodrigues, Açú, Macau, Pendências e Caraúbas são os principais responsáveis pela produção potiguar. Além disso, os novos campos des-

cobertos em Upanema, Brejinho, Lorena, Lages e Cachoeirinha — contribuíram sensivelmente para o aumento da produção de petróleo e de gás natural, estimada em 550 mil metros cúbicos por dia, quantia da qual apenas 40 mil metros cúbicos atendem o mercado interno, sendo o restante repassado para Pernambuco e Paraíba.

O atendimento ao mercado pernambucano, principal consumidor do gás natural produzido no nosso Estado, é feito através do Gasoduto Nordestão, que possui 422 quilômetros de extensão ligando Guamaré a Recife, cortando o Estado da Paraíba, o qual utiliza pequena parte do produto, para algumas empresas do seu parque industrial.

Diante da realidade produtiva do Estado, no ano passado, onde a Petrobrás investiu Cz\$ 3 bilhões e 100 milhões em todas as atividades desenvolvidas, tais como: perfuração, geologia, produção, o Governo do Estado recebeu de "royalties" Cz\$ 90 milhões e os municípios produtores Cz\$ 23 milhões apenas pela produção terrestre. O pagamento da produção marítima de petróleo e gás natural ainda não foi efetuado, nem a Petrobrás divulgou o montante a ser pago.

Para 87, as perspectivas são maiores e a Petrobrás pretende investir no Rio Grande do Norte Cz\$ 3 bilhões e 700 milhões, perfu-

rar 205 poços em terra e 15 poços no mar, além de aumentar a produção de gás natural de 550 mil metros cúbicos para 650 mil metros cúbicos por dia. Com isso, a meta de produção prevista é de 55.600 barris de petróleo por dia.

Os poços terrestres deverão produzir 32.600 barris diários; no mar a produção permanece em 18.600 barris e o LGN crescerá com 500 barris a mais diariamente, proporcionando uma média total, com relação a 86, de mais 7.800 barris de petróleo por dia, em todo o campo petrolífero do Estado.

Nas novas descobertas efetuadas pela Petrobrás na bacia marítima potiguar, está Pescada, atualmente a maior atividade, onde encontra-se uma das melhores jazidas de petróleo da região, oferecendo um produto leve, já muito próximo da gasolina. Diante dessa riqueza, deverão ser implantadas no local mais quatro plataformas, além de gasodutos e oleodutos, com uma produção estimada em 70 mil barris diários e até 1995 ela deverá ser de 130 mil barris por dia.

Além deste gasoduto e oleoduto, outros têm previsões de construção, no campo de Cachoeirinha, próximo do município de Dix-Sept Rosado, o que proporcionará a ligação da produção de gás natural para a estação de Guamaré, a qual repassará o produto através do Gasoduto Nordestão. A proposta da Companhia de Petróleo Brasileiro é ligar todas as demais áreas de produção a Guamaré, para facilitar o envio do produto aos mercados consumidores.

Estado, o vereador Leôncio Queiroz vem tentando mobilizar a população para reivindicar e exigir a sua implantação no Estado. Além dos pronunciamentos na Câmara dos Vereadores, nas emissoras de rádio, abaixo-assinados pela comunidade, o vereador já enviou correspondências ao Presidente Sarney, ao Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves e ao Presidente da Petrobrás, Ozires Silva.

As respostas são sempre as mesmas; que o Governo juntamente com a Petrobrás está estudando, devidamente, a situação. Para Leôncio, que se sente um pouco abandonado nesta luta, contando apenas com o apoio dos seus colegas vereadores, os políticos do Rio Grande do Norte parece que não possuem compromisso com o povo, pois os contatos mantidos, por ele, com os deputados federais e senadores potiguares foram desestimulantes.

“Existe um descaso muito grande dos políticos no que diz respeito à instalação desta refi-

naria e tantos outros problemas, pois temos uma terra rica e um povo em situação de miséria”. Declarou o vereador do PFL, afirmando ainda que o povo é um tanto quanto responsável por isso, pois na verdade vota, elege seus candidatos e não atua na fiscalização dos seus mandatos. Além disso a maioria se elege pura e simplesmente por possuir dinheiro, atestando assim o descomprometimento total com o povo e suas necessidades.

Para Leôncio Queiroz, o Rio Grande do Norte, apesar de parecer um elefante, geograficamente falando, ele na realidade é muito mais um caranguejo, no seu desenvolvimento, pois quanto mais se descobre as potencialidades, mais pobre ele se torna. “Esta refinaria seria o grande passo para o crescimento potiguar. A luta, a unidade política poderia proporcionar isso, visto que os outros Estados, que também desejam a refinaria, estão bastante desenvolvidos industrialmente com relação a nós”. □

MINERAÇÃO

RN, exportador de diatomita

Inicialmente investindo na agropecuária, o empresário Euclides Ferreira de Melo descobriu uma riqueza em suas terras. Hoje é exportador de diatomita.

“Sou um homem de luta, sempre vivi do trabalho na indústria e no comércio”. Esta é a auto-definição do empresário Euclides Ferreira de Melo, um paraibano que exerceu atividade algodoeira, trabalhou como exportador de sisal e fabricante de óleo na cidade de Campina Grande. Transferindo-se para o Rio Grande do Norte, em 1949, ele é, atualmente, o maior fabricante de diatomita do Estado.

A agropecuária foi a atividade que proporcionou a vinda de Euclides Ferreira de Melo para o Rio Grande do Norte, a qual conseqüenciou, também, o seu ingresso no ramo da industrialização de diatomita, quando descobriu, por acaso, a existência de tão raro e importante minério em suas terras, decidindo investir

no setor sem conhecer profundamente o produto e o seu potencial econômico.

A diatomita é um fóssil oriundo de criaturas que viveram sedentariamente, ou plantas e algas marinhas que também se fossilizaram há, talvez, cinquenta milhões de anos, e é hoje considerado, pela legislação brasileira, como um minério. A sua origem é marinha e fluvial e ainda é pouco conhecida no Brasil, tendo a Europa, Estados Unidos e México como principais potências na produção e industrialização deste produto.

ANTIBIÓTICOS — A diatomita, depois de passada pelo processo de aperfeiçoamento, possui uma “gana” de aplicação muito grande nos diversos ramos da in-

**ECONOMIZE
COMPRANDO
NO ARMAZÉM
PARÁ**



Hoje, você quando pensa em construir, reformar, ampliar, a primeira idéia que ocorre é como gastar pouco e ter um material de qualidade. Então a solução aparece com o nome do **ARMAZÉM PARÁ**. Procure nos seguintes endereços: Loja 1, Av. Antônio Basílio, 180; Loja 2, Rua Almino Afonso, 40 e Loja 3, Av. Prudente de Moraes, 2007 ou pelo PABX 223-4977. Em cada uma delas, você vai encontrar uma empresa preocupada com o seu problema, pronta e em condições de lhe atender, dando orientação quanto a aquisição e aplicação do produto ideal para o seu caso, em particular. **ARMAZÉM PARÁ** mantém à disposição de seus clientes, uma equipe especializada, em condições de orientar e fornecer produtos de qualidade a *preços sem igual* na praça. Nosso slogan confirma a tradição — **ARMAZÉM PARÁ — O MUNDO BARATO DA CONSTRUÇÃO.**

**ARMAZÉM
PARÁ**

**IMPORTADORA
COMERCIAL
DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
PABX (084) 223-4977

dústria. A sua utilização se dá essencialmente no setor farmacêutico para a filtração de antibióticos, além de bebidas de um modo geral, fabricação de fósforos e principalmente de isolantes térmicos para altas temperaturas, como fornos de padaria, caldeiras e refinarias de petróleo.

Desta forma, o parque industrial brasileiro consome toda a produção nacional e importa um percentual ainda maior, principalmente dos Estados Unidos e México, mundialmente os maiores produtores de diatomita. Esta importação se dá, sobretudo, pela pouca existência do produto, visto que a qualidade da diatomita importada nada difere daquela industrializada no Brasil, apesar da diferença de tecnologia, o produto chega a ser, para alguns industriais, apenas ligeiramente inferior.

O empresário Euclides Ferreira de Melo afirma que "se não conseguimos nos equiparar ao exterior, principalmente a produção de diatomita americana, estamos 90 por cento juntos. E exatamente por isso que temos a nossa fabricação anual totalmente vendida". Ele declara ainda que o Rio Grande do Norte, no contexto nacional, é considerado o Estado que possui a diatomita industrializada de melhor qualidade.

O Brasil que tem como produtores no Nordeste, além do nosso Estado, o Ceará, Bahia e o Maranhão, tem uma produção anual da ordem de 15 mil toneladas e importa como complemento para abastecer satisfatoriamente o mercado consumidor, 25 mil toneladas. Os grandes fabricantes tais como: Antártica, Brahma, fósforos "Olho" e as vinícolas gaúchas são os principais compradores da diatomita potiguar.

SEM INTERCÂMBIO — A Dianorte produz cerca de oito a nove mil quilos de diatomita por ano, retiradas de 30 jazidas espalhadas no litoral norte-riograndense, gera mais de 300 empregos diretos, e possui tecnologia e "know-how" genuinamente nacionais, visto que as grandes empresas estrangeiras não permitem intercâmbio, nem reciclagem humana, limitando-se a fornecer

apenas o direito a uma visita de geólogos e engenheiros de minas, às suas instalações e jazidas.

O processo de aperfeiçoamento pelo qual passa a diatomita para atender aos diversos ramos industriais é bastante complexo, pois cada tipo de indústria requer uma espécie de diatomita. A Dianorte, indústria potiguar, fabrica os diversos tipos, de acordo com as exigências dos compradores. Para a parte de filtração, utilizada por laboratórios e fábricas de bebidas, é exigida uma diatomita calcinada.

pois as jazidas americanas são de grande porte, e para se obter aqui um produto uniforme, existe um trabalho maior efetuado pela Dianorte, o que ainda acarreta a diferença de 10 por cento.

As minas potiguares estão localizadas principalmente no litoral; Ceará-Mirim, Barra de Maranguape e Touros, além dos municípios de Ielmo Marinho e Goianinha. Algumas delas são de propriedade da Indústria Dianorte. O processo de extração utilizado é manual, e não pode ser mecanizado, pois acarretaria

FOTO: ARQUIVO RNECONÔMICO



A diatomita industrializada no Estado

A indústria química requer um produto fino, com o maior teor de pureza. A utilização da diatomita, como isolante térmico, pode ter o processo de aperfeiçoamento sem as mesmas exigências sendo uma diatomita menos caprichada. Enquanto isso a indústria de polimentos usa uma diatomita totalmente isenta de areia. Para conseguir estes resultados o laboratório e a indústria Dianorte, funcionam ininterruptamente.

As jazidas do Estado, das quais a Dianorte adquire a matéria-prima, são pequenas. Segundo informou Euclides Melo, este fator é o que conseqüência a ligeira inferioridade do produto com relação aos Estados Unidos,

numa mistura prejudicial maior com areia e argila, proporcionando queda no processo industrial.

O controle de extração da diatomita é efetuado mediante o trabalho de orientação e inspeção de geólogos, engenheiros de minas e topógrafos, funcionários exclusivos da Dianorte com o objetivo primordial de profissionalizar o trabalho de retirada da matéria-prima pelos 300 operários, mineiros, que a indústria é obrigada a ter, embora não opere todas as suas minas simultaneamente.

PREJUÍZO — A indústria de diatomita desenvolveu-se satisfatoriamente no decorrer de sua existência, porém não obteve ne-

nhum incentivo por parte do Governo do Estado, conforme declarou o empresário da Dianorte, adiantando que "o que existe é apenas boa vontade do Ministério das Minas e Energia, porém alega sempre a falta de recursos para investir na ampliação dos estudos de conhecimento e descoberta de novas jazidas.

Não é somente a falta de incentivo por parte dos Governos Estadual e Federal que prejudica um maior desempenho na produção de diatomita no território potiguar. A implantação do Plano Cruzado e o pacote econômico chamado de Cruzado II, segundo Euclides Melo, deixou a sua parcela de prejuízo na economia da indústria. "Em fevereiro deixamos de repassar o produto de acordo com a inflação daquele mês e fomos obrigados a dar 28 por cento de aumento ao operário", afirmou.

Os prejuízos cresceram mais ainda com a conversão do Cruzeiro para o Cruzado, do estoque de duplicatas que a indústria tinha em carteira, o que foi bastante negativo para a empresa, já que algumas tinham vencimento longo, com relação ao mês no qual foram decretadas as medidas governamentais. Com relação à defasagem, a alta de combustível que não pôde ser repassada, Euclides diz que o Cruzado II já permitiu uma melhoria de pelo menos 20 por cento nos lucros.

A Dianorte possui duas filiais no interior do Estado, uma está localizada em Ceará-Mirim, a outra na fazenda Guajiru, de propriedade do empresário Euclides Melo, porém o processamento total do produto é feito somente nesta última, o trabalho em Ceará-Mirim é parcial, quando é transferido para Natal, onde realiza-se a industrialização final, efetuada pelos 68 operários da fábrica.

O repasse do produto para o mercado consumidor é feito por via terrestre, geralmente cada

FOTO: JOÃO MARIA ALVES



Emídio: exporta diatomita

carga enviada destina-se a uma única indústria. A empresa não vende diatomita em pequena quantidade, a remessa mínima enviada é de três a quatro mil quilos. O produto final é leve e distribuído em sacos de vinte quilos, que têm a proporção e as características de um saco de cimento.

Dentro das diversas categorias existentes, a diatomita é consumida proporcionalmente pelas fábricas de bebidas, laboratórios, de isoladores térmicos, porém o seu preço é variado. A diatomita destinada à filtração de antibióticos é a que possui preço mais elevado, pois é fluxo calcilado, sofrendo tratamento químico, o que proporciona um custo de Cz\$ 150,00. Aquela utilizada para tintas e polimento, que exige um teor de pureza estimado em 100 por cento, custa o mesmo preço, apesar de não sofrer tratamento químico.

ESGOTÁVEIS — Diante de todo o processo pelo qual passa a diatomita, Euclides Melo afirma que ela é um minério totalmente isento de substâncias tóxicas, amorfo, por isso a sua utilização na indústria farmacêutica

e na fabricação de cervejas. Ele diz ainda que os Estados Unidos já estão no processo de utilização do produto na alimentação, embora não conheça de que forma isso está sendo feito, dizendo apenas que o uso deve ser em pequena quantidade.

A Dianorte não possui grande concorrência no Estado, apenas outra fábrica trabalha no ramo, porém só industrializa a diatomita utilizada para a fabricação de tintas. As maiores empresas estão principalmente no exterior, a produção nacional é equilibrada em todos os Estados, com tecnologia e "know-how" brasileiros, haja visto que os Estados Unidos e demais países não exportam tecnologia.

O sucesso do ramo comercial da diatomita se dá também pelo trabalho do empresário Euclides Melo em acompanhar "in loco" todo o desenvolvimento do produto desde à sua retirada da jazida, à secagem sob o sol, à calcinação em fornos especiais, à separação por tamanho e o aperfeiçoamento. Paralelamente ele procura levar uma vida de cidadão comum, considerando-se um potiguar de coração e também um forte torcedor do ABC.

Os momentos de lazer são destinados à pesca e a um bom jogo de cartas, visto que este último já não exige muito do físico. Tem a agropecuária como outra atividade, porém investe e se dedica mais à indústria, com perspectivas de crescimento e ampliação da Dianorte para outros Estados, principalmente o Maranhão. Quando indagado sobre as possibilidades de investir na Paraíba ele diz que "o litoral é pequeno, torna a atividade inviável".

Embora tenha uma produção considerada satisfatória, a Dianorte não tem grande significado na economia do Estado. A importância está, quase que absolutamente, apenas no emprego de mão-de-obra. Segundo Euclides, a diatomita é isenta de ICM —

Turista, meu amor.



O turismo já é o 3.º maior faturamento do mundo. Trate o turista com todo carinho e amor. Você e o Rio Grande do Norte só têm a ganhar.

TOUVEE TAMI
O paraíso é aqui

Imposto sobre Circulação de Mercadorias, pagando apenas Imposto sobre Minerais, e como não paga impostos estaduais, nem "royalties" pela produção, em cifras econômicas, ela tem uma contribuição nula.

Além disso a geração de emprego é uma coisa ameaçada, visto que a indústria depende das jazidas e estas são esgotáveis, porém a Dianorte faz estudos permanentes no litoral potiguar para garantir a produção. Dentro da diatomita retirada até a sua purificação há grandes perdas,

para cada 100 por cento de diatomita bruta apenas 30 por cento são aproveitados, gerando uma queda considerável em consequência das impurezas contidas no mineral.

Apesar das reservas brasileiras serem pequenas, o Rio Grande do Norte está como primeiro colocado na produção, tendo no seu minério uma qualidade superior ao existente nas minas baianas. O Estado, apesar de bem equipado tecnicamente para esta atividade, ainda não atingiu 100 por cento na qualidade industrial.

AGRICULTURA

Bicudo, o terror do campo

Depois de muita discussão, análises, simpósios e promessas, o bicudo volta à berlinda sem que as autoridades tenham se mostrado competentes para dizimá-lo do RN

"Bicudo ou algodão. Controle o bicudo, produza algodão". O dilema seguido de uma palavra de ordem não será tão fácil, como parece, de ser resolvido pelos produtores do algodão no Rio Grande do Norte, Estado que no ano passado, três anos após o aparecimento da praga, viu uma das suas principais culturas reduzida a quase nada. O dilema e a sugestão aparecem em cartazes impressos pela Comissão Executiva Estadual de Controle do Bicudo do Algodoeiro, formada desde outubro de 1985. Depois de uma atuação dispersa ao longo dos primeiros anos, que impediu a realização de um trabalho efetivo no combate à praga, os órgãos estaduais e federais partem agora, com base em técnicas oriundas do Centro Nacional de Pesquisas do Algodão, instalado em Campina Grande (PB), para convencer os agricultores de que, tornando-se seletiva, a cotonicultura ainda é viável no Estado.

Entretanto, conforme prevê o presidente da Comissão, diretor técnico da Delegacia Federal do Ministério da Agricultura no Estado, Francisco de Freitas Diniz, a tarefa não será das mais fáceis: "É impossível dizer hoje se todos os que plantavam algodão antes da praga voltarão a plan-

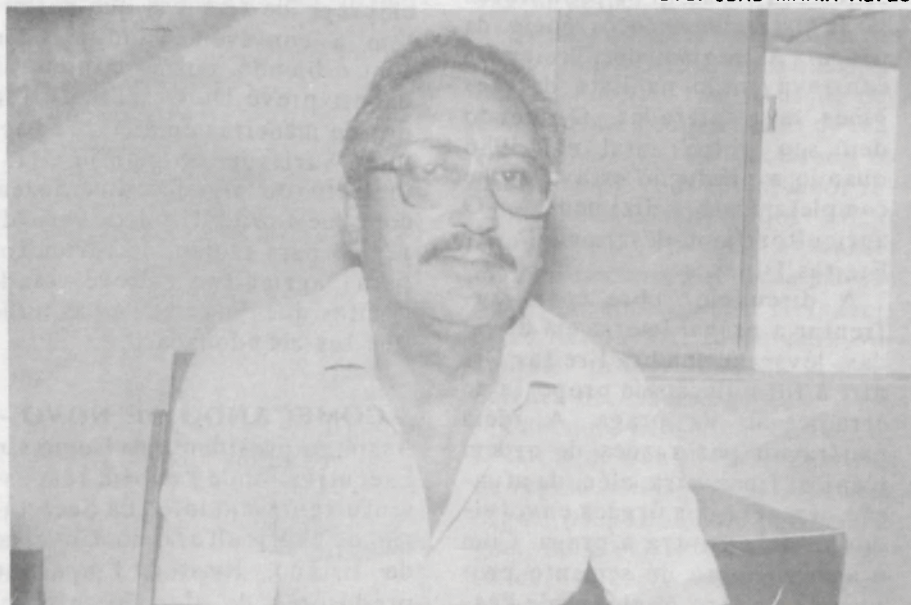
tar". Depois de três anos de discussão e pouca ação, os órgãos que integram a comissão desde sua instalação em 1985 partem para executar a primeira parte de um projeto cujo destino é de vital importância para a cultura do algodão no Rio Grande do Norte.

PRECOCES -- Ainda no primeiro semestre deste ano serão distribuídas entre produtores de sementes de diversas regiões do Estado 20 mil quilos de sementes de algodão herbáceo e 1 mil e 500

de sementes do arbóreo. Beneficiadas pelo Centro Nacional de Pesquisas do Algodão, as sementes, precoces, serão plantadas no que convencionou-se chamar de "campos de demonstração". Devido a sua precocidade, as sementes apresentam um ciclo de crescimento menor, o que diminui de forma considerável a ação do bicudo, além de apresentar maior produtividade — a do herbáceo, segundo previsões do CNPA produz 1 mil quilos por hectare, enquanto do arbóreo produz 600 quilos por hectare. O uso da semente também possibilitará, além de menor perda por causa da ação do bicudo, menos investimentos em pulverização para combater a praga, uma vez que o ciclo de crescimento menor exige menor número de aplicações do pulverizador.

Os produtores de algodão ainda deverão esperar mais alguns meses, até um ano, para ter acesso às sementes. Do "campo de demonstração" as sementes serão levadas para usinas de beneficiamento indicadas pelos órgãos envolvidos na luta contra o bicudo. Beneficiadas, serão adquiridas pelos órgãos governamentais e repassadas aos produtores em geral por preços ainda não fixados. Mais algum tempo se passará até que os produtores interessados possam comprar as sementes precoces. Segundo dados da Delegacia Federal do Ministério da Agricultura no Estado, a demanda de semente de algodão arbóreo no Rio Grande do Norte fica en-

FOTO: JOÃO MARIA ALVES



Diniz: difícil convencer agricultor

tre 100 e 150 mil quilos. Os mil e quinhentos de semente do herbáceo, disponíveis para reprodução, servirão apenas para ser plantadas em 70 ou 80 hectares. Ainda assim, Freitas Diniz afirma que a tarefa de cobrir todo o Estado com sementes não é difícil.

PESSIMISMO — O que não é fácil, na opinião do diretor técnico da Delegacia Federal da Agricultura no Rio Grande do Norte, é prever o tempo que se gastará para a recuperação da cultura do algodão no Estado. Qualquer previsão torna-se mero exercício de futurologia quando se olha os números da produção algodoeira nos últimos anos. A média anual, antes da praga do bicudo, girava em torno de 30 milhões de quilos de plumas de algodão. As previsões mais otimistas em relação à produção de 1986 davam conta da produção de 3 milhões de quilos de pluma, que correspondem a 10 por cento do produzido nos anos anteriores.

O pessimismo em relação à cotonicultura começou a ganhar forma em 1983 quando o bicudo — originário da América do Norte onde vive há décadas — apareceu na região fronteira à Paraíba. Neste e no ano seguinte o prejuízo, no entanto, foi relativamente pequeno. Em 1985 o prejuízo tornou-se muito grande principalmente nas regiões Agreste e Seridó e no final do ano 80 por cento dos municípios produtores já registravam a ocorrência da praga. A região do Trairy já constava então na lista das regiões mais afetadas. O bicudo deu seu golpe fatal em 1986 quando a produção estava quase completamente dizimada. “O agricultor ficou desarmado”, diz Freitas Diniz.

A discussão sobre como enfrentar a praga, imersa em dúvidas, levaram, lembra Freitas Diniz, à formulação de proposta de erradicação da praga. A idéia naufragou por razões de ordem técnica, financeira, além da atuação dispersa dos órgãos envolvidos na luta contra a praga. Com o aparecimento de semente precoce no Centro Nacional de Pesquisa do Algodão, a estratégia

FOTO: ARQUIVO RINECONÔMICO



Geraldo Bezerra: estudos

foi repensada e agora já se fala não de combate ou eliminação pura e simples, mas também de controle ou convivência com o bicudo.

Centralizada na produção de sementes precoces, a estratégia abrange também uma série de medidas que vão desde a escolha da área a ser plantada com algodão ao preparo, passando pelo uso de sementes específicas. Terá, fundamentalmente, que ser seletiva, acredita Freitas Diniz: “O homem que não se preparar com técnicas novas e apropriadas não obterá resultado e a cultura do algodão praticamente não mais existirá em suas terras”. O emprego de técnicas que permitem a convivência do algodão com o bicudo, com o mínimo de danos, prevê Diniz, por fim ao uso de maneiras empíricas e bastante variáveis no plantio e tratamento do algodão, que fazem com que a produtividade varie de região para região, de agricultor para agricultor. Prevê ainda Freitas que “algumas áreas terão que ser abandonadas”.

COMEÇANDO DE NOVO — Assim, o presidente da Comissão Executiva, onde também têm assento representantes da Secretaria de Agricultura do Governo do Estado, Emater, Emparn e produtores de algodão, afirma, que está começando de novo a co-

tonicultura no Rio Grande do Norte. Os “campos de demonstração” que servirão para mostrar ao agricultor que a cultura ainda é viável, são a segunda parte da estratégia elaborada pela Comissão para o ano de 1987.

A primeira fase que, segundo a Delegacia Federal do Ministério da Agricultura, já vem sendo executada desde o ano passado, consiste no trabalho de conscientização do produtor. O trabalho envolve, segundo Freitas Diniz, órgãos como Secretaria de Agricultura, Emparn, cooperativas e extensionistas da Emater. O apoio técnico vem do CNPA que tanto treina extensionistas e técnicos enviados para Campina Grande (PB) como manda, sempre que solicitado, funcionários ao Rio Grande do Norte para falar sobre novas técnicas para a cotonicultura.

Do Centro Nacional de Pesquisas do Algodão vêm sugestões para o plantio de culturas alternativas como, por exemplo, o gergelim para áreas mais secas. Evádio Pereira, presidente da Comissão Estadual de Sementes e Mudas, reconhece que quanto à divulgação de culturas alternativas pouco se tem feito no Estado. Afirma, no entanto, que mesmo assim o normal é se recorrer ao plantio de fumo, abacaxi e feijão.

O grande passo no trabalho de recuperação da cotonicultura, pelo menos em termos de conscientização dos produtores quanto a viabilidade da cultura no Estado, fica mesmo por conta do resultado nos campos de demonstração. Mas, lembra Freitas Diniz, qualquer previsão de recuperação da cultura terá que se basear nas condições de semente-crédito-treinamento. Para 1987, o trabalho de controle da praga do bicudo envolverá pelo menos, segundo Freitas Diniz, 8 milhões de cruzados.

ARMADILHAS — As decisões tomadas no âmbito da Comissão Executiva Estadual de Controle do Bicudo do Algodoeiro serão executadas pela Secretaria de Agricultura, que a exemplo de toda a administração pública estadual deverá mudar de titular e de diretrizes em março próxi-

mo, com a mudança de Governo. Seu atual titular, Geraldo Bezerra, afirma que até agora foram realizados apenas estudos preliminares sobre áreas afetadas pela praga além de definição de armadilhas. "Não chegamos a fazer a erradicação. Os recursos não foram alocados para realizar um trabalho maior", afirma.

Geraldo Bezerra não sabe ainda de quanto vai se dispor este ano para o trabalho de combate ou controle do bicudo, argumentando que "a programação de recursos ainda não é conhecida". Engenheiro agrônomo, Geraldo Bezerra acredita que, com o "respaldo de recursos a praga será combatida".

O secretário de Agricultura, que deseja debelar a praga do bi-

cudo para que aconteça o retorno da cultura do algodão ao seu lugar de destaque, enfatiza que o combate é essencialmente a ação do Governo. Para isso, depois de participar em Montes Claros (MG) de uma reunião sobre o bicudo, promovida pelo Governo de Minas Gerais, Geraldo Bezerra convocará os técnicos do futuro Governo a se integrarem no trabalho.

A reunião de Montes Claros reunirá representantes dos Estados de Paraíba, Pernambuco, São Paulo, Ceará e Paraná, além do Rio Grande do Norte. Todos têm em comum a praga do bicudo. Minas Gerais, que ainda não sofre desse mal promove a reunião para conhecer o que está sendo feito para combater o bicudo. □

pal vítima da construção da represa. As necessidades da comunidade vão desde a regularização da situação de moradia até o emprego.

AMALDIÇOADA — A falta de título de propriedade de suas casas e de infra-estrutura da Nova São Rafael fazem com que o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas seja uma sigla amaldiçoada pela comunidade, que já não dispensa nenhuma credibilidade ao trabalho naquela área, visto que nem mesmo 50 por cento das promessas feitas aos moradores foram cumpridas e a situação de penúria persiste.

Na zona rural da cidade, 315 famílias continuam morando em casas de madeira, em condições difíceis e sem atividades rentáveis de trabalho. A alegação do DNOCS, no que diz respeito a estabilização das famílias como proprietárias das casas onde residem, se dá exatamente pela complexidade da emissão da escritura, pois o documento depende do trabalho conjunto do Cartório e da Prefeitura.

No que se refere ao desenvolvimento agropecuário da região, o delegado regional do DNOCS, Edgar Montenegro declara que "os nossos projetos favorecerão satisfatoriamente às famílias do Vale do Açu. O DNOCS já executou a construção de 120 quilômetros de cerca, com o objetivo de gerar condições benéficas para a exploração das áreas irrigáveis e paralelamente proporcionar à pecuária de pequeno porte".

Quanto ao assentamento de famílias, o DNOCS afirma que apenas 22 famílias têm situação definida como proprietárias de terra, porém não foi declarado os hectares que cada trabalhador recebeu. Por outro lado, Edgar Montenegro diz que as terras muito próximas à represa não são boas, porém aquelas irrigáveis estão sendo utilizadas para vazantes, proporcionando apenas cultura de subsistência.

Contudo, há o compromisso do DNOCS de que todas as famílias da região venham a ter uma vida digna, proporcionada pela barragem, onde existe o grande projeto de irrigação que deverá ser implantado nos próximos meses, já que a reunião preliminar do

BARRAGEM

DNOCS, uma sigla maldita

O DNOCS prometeu, com a construção da Barragem Engenheiro "Armando Ribeiro Gonçalves", irrigar toda a área e construir o porto pesqueiro. Só promessa

A construção da Barragem Engenheiro "Armando Ribeiro Gonçalves", que tinha como objetivo principal proporcionar grandes benefícios à economia do Estado e à população residente no Vale do Açu e imediações, ainda não realizou o seu feito. Os agricultores da região continuam vivendo uma situação de miséria, esperando pacientemente a implantação dos projetos prometidos pelo Governo Federal na área onde se encontra tão grande e potente represa.

Dentre os projetos de beneficiamento populacional encontrava-se a construção de um porto de pesca, gerando empregos e melhoria da atividade pesqueira na região, porém este ainda não foi implantado e os pescadores do Vale desenvolvem atividades paliativas, enquanto o projeto não se efetiva totalmente. A alegação dos organismos encarregados pela melhoria de vida no Vale é de que o processo de desenvolvimento trazido pelo DNOCS — Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, está em curso.

O delegado regional do órgão, Edgar Montenegro, afirma que o DNOCS, juntamente com o Ministério da Irrigação, vem efetuando atividade conjunta no sentido de resgatar os compromissos sociais assumidos com o Rio Grande do Norte e o seu povo, primordialmente com toda a população de São Rafael, princi-



FOTO: ALDORISSE HENRIQUES

Edgar: DNOCS cumpre missão

órgão junto à firma vencedora da licitação para operar o projeto, foi realizada, como também a visita a área.

A firma responsável, segundo Edgar Montenegro, chama-se Sinak, acrescentando que ela possui "know-how" internacional em irrigação e está sediada no Estado do Ceará. A apresentação do projeto de irrigação que será executado, foi realizada no dia 14 de janeiro último à AMVALE — Associação dos Municípios do Vale do Açu.

O projeto englobará cinco mil hectares de terra, que serão distribuídos em três parcelas de um mil, dois mil e mais dois mil hectares, que atingirão os municípios de Alto do Rodrigues, Afonso Bezerra, Pendências e Ipanguassu, e será implantado à margem direita da rodovia RN-118, respeitando a linha determinada pela Petrobrás, como segurança de perfuração de poços.

ATIVIDADE PESQUEIRA

— O porto de pesca prometido pelo Governo Federal, com a construção da barragem, ainda

não foi implantado. O delegado regional do DNOCS, Edgar Montenegro, afirmou que os recursos não foram liberados e apenas uma pequena colônia de pescadores existe no setor, com 300 barcos e nenhuma proteção de comercialização do produto, apenas a presença, ainda incompleta, da Sudepe — Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — que orienta no sentido de evitar a pesca predatória.

O projeto completo, incluindo a instalação de um frigorífico, encontra-se em estudo no Banco do Nordeste do Brasil, e o órgão, além dos pescadores da região, aguarda a liberação dos recursos, que não foram declarados quantitativamente pelo DNOCS. A regularização da atividade pesqueira é urgente, visto que algumas pessoas do Vale, que não têm a pesca como principal atividade, estão operando no ramo.

A desorganização é patente, pois além dos moradores da região pescando indiscriminadamente, a Barragem "Armando Ribeiro Gonçalves" recebe, frequentemente, a visita de pescadores cearenses que vêm totalmente equipado para pescar sem

nenhuma autorização ou impedimento. Estes levam da represa a quantidade de pescado que desejam e podem, tirando ilegalmente parte dos benefícios que deveriam ser destinados somente àqueles que tiveram prejuízos nas suas atividades agrícolas com a construção do grande lago.

O DNOCS reconhece todos estes problemas e embora trabalhe morosamente, afirma que será construída uma estação de piscicultura compatível com a grandeza da barragem, num esforço conjunto com a Sudene — Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, e o Governo do Estado. Os 2 bilhões e 400 milhões de metros cúbicos de água da barragem fornecerão uma melhor forma de criar peixes e alimentar a população.

CONSENSO — O delegado do DNOCS afirma que há no Nordeste um consenso generalizado de que o melhor caminho para o desenvolvimento agrícola está na irrigação. Paradoxalmente vários projetos estão praticamente parados enquanto o Estado oferece como reservas, além da "Armando Ribeiro Gonçalves", a Lagoa

CODIF TEM.

As melhores marcas em ferramentas, material elétrico e motores elétricos. Equipamentos para piscinas e produtos químicos para tratamento d'água. Banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas, tintas e ferragens. Instrumentos de medição, máquinas de solda e abrasivos.



CIA. DISTRIBUIDORA DE FERRAGENS

NATAL — RUA DR. BARATA, 190 — TELS.: 222-3571/8033/8210 — TELEX: 2252.
RECIFE — SÃO LUIZ — SÃO PAULO — FORTALEZA — MACEIÓ — ARAPIRACA
PALMEIRA DOS ÍNDIOS.

do Piancó, com 100 milhões de metros cúbicos; Ponta Grande, com 32 mil metros cúbicos e Pataxó, com 24 mil metros cúbicos.

As reservas d'água no Rio Grande do Norte poderiam ser utilizadas devidamente, porém paralelamente ao grande projeto de irrigação da "Armando Ribeiro Gonçalves" os financiamentos para a irrigação no Estado, no momento estão limitados ao Proine — Programa de Irrigação do Nordeste — que, segundo Edgar Montenegro, não atende satisfatoriamente às necessidades potiguarenses, e enquanto os proje-

tos de irrigação aguardam a liberação de recursos, outros começam a ser implantados.

O DNOCS, dentro da base física de Ipanguassu, já possui área estruturada e pronta para a produção agrícola. Diante disso o órgão solicitou ao Ministério da Educação recursos para a construção de uma escola agrícola no Vale do Açu, com o objetivo de incentivar o desenvolvimento da atividade e proporcionar o conhecimento de técnicas modernas no setor. Para isso foram liberados dois milhões e meio de cruzados. □

GOVERNO

A absurda máquina do Estado

O empresário Geraldo José de Melo assume o Governo do Rio Grande do Norte no dia 15 de março. Ele vai receber de herança mais de 4 mil cargos de confiança

O futuro Governador do Rio Grande do Norte, empresário Geraldo José da Câmara Ferreira de Melo ao tomar posse no dia 15 de março não manterá nenhum funcionário de administrações anteriores nos cargos de confiança, tanto da administração direta como da indireta. A decisão de Geraldo foi comunicada à comissão de transição, por ele nomeada, para fazer um levantamento da real situação em que receberá o Governo.

O atual secretário de Administração, Efrem Lima, disse que o futuro Governador irá dispor de 264 cargos de confiança somente na administração direta, com salários que variam de Cz\$ 15 mil (Secretário de Estado), a Cz\$ 980,00 (motorista do Governador). Disse Efrem que com a gratificação que recebe diretamente do Gabinete do Governador, os salários do motorista podem atingir os Cz\$ 4 mil.

OS CARGOS — Disse Efrem Lima que os 264 cargos de confiança da administração direta estão assim divididos: Secretário de Estado, 19 (Cz\$ 15.000,00); Assessor de Comunicação Social, 1 (Cz\$ 13.500,00); Coordenador Geral, 9 (Cz\$ 6.750,80); Chefe de Gabinete, Coordenador de As-

essoria Técnica e Coordenador, 86 (Cz\$ 4.860,00); Subcoordenador e Chefe de Unidade Setorial, 153 (Cz\$ 4.050,00); e Chefe de Grupo Auxiliar, 16 (Cz\$ 2.073,60).

Na administração indireta o futuro Governador do Rio Grande do Norte terá à sua disposição cerca de três mil cargos de confiança para atender aos compromissos assumidos durante a campanha política. São 30 empresas na administração indireta, cada uma com os seguintes cargos de confiança: 1 Presidente; 1 Diretor Técnico; 1 Diretor Administrativo; 1 Diretor Financeiro; 1 Chefe de Gabinete; 1 Diretor de Pessoal e 1 Secretária Particular.

Em algumas empresas de economia mista os salários dos diretores são os mesmos do Secretário de Estado, em outras chegam a ser o dobro. Um Chefe de Gabinete ganha em torno de Cz\$ 10 mil e uma Secretária Particular Cz\$ 5.500. Cada diretor tem à sua disposição um carro com motorista e combustível à vontade.

Apesar do Governador eleito Geraldo Melo, já ter dito que quer todos os cargos de confiança desocupados no dia 15 de março, o clima é de tranquilidade em todas as repartições públicas e nas empresas de economia mista. Ge-

raldo não pensa em demitir em massa como medida para sanear as finanças do Estado.

TRANSIÇÃO — Sem traumas. É assim que está acontecendo a transição do Governo no Rio Grande do Norte. O Governador Radir Pereira de Araújo colocou o Secretário do Planejamento, Jussier Santos, à disposição da equipe de Geraldo Melo para fazer um levantamento da situação econômica e financeira do Estado, numa demonstração, tida pela classe política, de maturidade.

Segundo o assessor de Imprensa do futuro Governador, jornalista Albimar Furtado, a equipe técnica que está se reunindo com o Secretário de Planejamento é composta dos economistas Benivaldo Azevedo, Ademar Medeiros, Natánias Von Shosten e Roosevelt Garcia. Paralelamente, também vem se reunindo uma comissão política, que todos os dias abastece Geraldo Melo de informações sobre o quadro político do Estado.

RESIDÊNCIA OFICIAL — Dono de uma das maiores e mais elegantes mansões da Capital, o empresário Geraldo Melo decidiu ocupar, a partir do dia 15 de março, a casa alugada que serve de residência oficial do Governador desde o tempo em que Sylvio Pedroza foi Governador do Rio Grande do Norte, na década de 50.

Localizada numa das avenidas mais movimentadas de Natal, a casa pertence ao Secretário do Interior e Justiça, Manoel de Brito. Disse o assessor de Imprensa de Geraldo que o futuro Governador decidiu se transferir para a residência oficial para evitar de ser acusado de usufruir de mordomia, uma vez que todos os serviços e seguranças teriam de se transferir para a mansão de Geraldo.

Pelo aluguel da casa, que tem estilo colonial espanhol, o Estado paga mensalmente Cz\$ 5.164,00. Geraldo vai morar numa casa com três suítes, dois quartos, um escritório, duas salas, uma piscina, sauna e armários embutidos em todas as dependências. Terá à sua disposição dez serviços, além de seis policiais militares.

Cadê os questionamentos?

Numa atitude inédita, o Prefeito Garibaldi Alves Filho se oferece para um debate com o Sindicato dos Jornalistas do RN. Foi uma conversa amigável

O Prefeito Garibaldi Filho, juntamente com o seu secretário, compareceu no último dia 07 ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Norte, para participar de um debate que, segundo o vice-presidente da entidade, Ricardo Rosado, tinha como proposta analisar o primeiro ano de sua administração e foi uma sugestão que partiu do próprio Prefeito quando participou, como jornalista, do almoço de confraternização da categoria.

O que poderia ter sido algo eloquente e produtivo, acabou transformando-se numa amigável conversa, onde os questionamentos foram puramente administrativos. Nenhuma cobrança de posicionamentos foi efetuada,

Garibaldi declarou que preferia não falar das obras realizadas, porém ainda citou algumas relacionadas com educação, saúde, pavimentação e acrescentou que não con-nem mesmo a questão do salário dos jornalistas que exercem função nas assessorias de imprensa do município e recebem como funcionário público teve a discussão merecida. E o ponto de destaque foi o problema dos transportes urbanos.

O administrador municipal falou da receita e dos recursos do Tesouro Nacional reservados para este ano, que são da ordem de 1 bilhão e 200 milhões de cruzados, dos quais 90% representam os encargos sociais, ficando destinados para investimentos, apenas 34 milhões de cruzados. Ga-

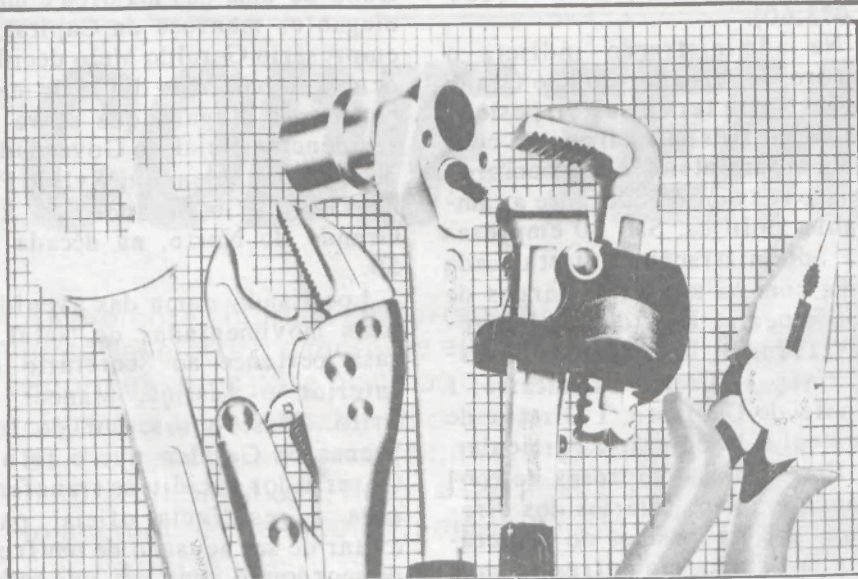
seguiu fazer frente a sérios problemas como habitação e drenagem.

Alegando sempre a questão financeira para a solução de diversos problemas urgentes, o Prefeito acredita que o município poderá obter empréstimos com taxas compatíveis de juros decorrentes do favoritismo do Governo Federal. E espera uma melhor articulação entre o Governo Federal e Estadual, nos próximos anos, um estreitamento no diálogo, provocando benefícios, deixando assim transparecer a existência de um relacionamento duvidoso entre a Prefeitura e o Governo do Estado, atualmente.

MISÉRIA — No que diz respeito ao orçamento de 86, que já foi encontrado elaborado, Garibaldi disse que este foi de apenas 530 bilhões de cruzeiros, o que contribuiu para a permanência de Natal no patamar de miséria e penúria, relembrando os tempos do regime militar, que enviava pacotes com investimentos determinados. Diante da falta de recursos alegada pela Prefeitura, o projeto da Fábrica de Escolas levou a Câmara à apreciação e aprovação de um empréstimo de Cz\$ 20 bilhões ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social — BNDES.

Este é o montante necessário, segundo a administração municipal, para que a população tenha direito a escolas que possibilitem às crianças estudo com tempo integral, num regime de semi-internato, assegurando lazer, alimentação e educação simultaneamente. Por outro lado há denúncias de que a merenda destinada às escolas municipais sofrem atrasos de até 20 dias, deixando algumas crianças sem a assistência alimentar.

As críticas, embora não tenham sido muitas, foram tecidas principalmente ao atual sistema de transportes urbanos, que oferece ao usuário natalense um péssimo atendimento. A questão financeira foi mais uma vez alegada tanto pelo Prefeito como pelo superintendente da STU, Ronald de Góes. Os projetos de melhoria, segundo ele, existem, porém não há recursos para realizá-los. As tentativas de melhoria programadas pela Superintendência



Quem conhece a diversificação de material para montagem e manutenção industrial de Queiroz Oliveira, topa qualquer parada.



QUEIROZ OLIVEIRA

MATERIAL PARA MANUTENÇÃO
F MONTAGEM INDUSTRIAL

NATAL — SALVADOR — FORTALEZA.

conseguiram apenas repúdio por parte da população.

O terminal de integração foi um grande fracasso dentro do programa de intensões de benefício à população. Segundo a STU, o DCE — Diretório Central dos Estudantes — não foi receptivo ao terminal, tornando-se agressivo à sua implantação. Para o DCE, segundo o presidente Antenor Roberto, o que houve foi um ato pouco democrático, visto que os universitários souberam do terminal somente quando este foi implantado, não havendo, por parte da STU, o debate sobre o projeto.

A atitude contrária ao funcionamento do terminal de integração, tomada pelos estudantes, foi decidida em assembléia, onde a implantação foi discutida, concluindo o prejuízo que o terminal, instalado sem nenhuma infra-estrutura, estava causando aos universitários e à população diretamente afetada com a medida da Superintendência de Transportes Urbanos.

O desconforto encontrado pela comunidade que depende dos transportes coletivos é inigualável. Além da demora na circulação dos ônibus, o salário dos cobradores é subsidiado pelos passageiros, que pagam 1 cruzado e cinquenta centavos, quando a tarifa está estipulada em Cz\$ 1,35. E nenhuma medida concreta para solucionar este problema, que depende de recursos ou da receita, é tomada pelo órgão.

Porém, a ausência de transportes nas linhas de atendimento, proporcionando a superlotação, é consequência do Plano Cruzado, segundo declarou Ronald Góes. Em fevereiro os serviços atendiam seis milhões de passageiros por mês, gradativamente a demanda se duplicou e em outubro o número chegara a 12 milhões e a cidade está desfalcada em cinquenta ônibus, exatamente por causa do preço da tarifa. O monopólio dos serviços de transportes é mais forte e uma concorrência nacional parece utopia, embora Garibaldi declare-se disposto a abri-la.

IPREVINAT — Como todos os demais setores, o turismo, o desenvolvimento industrial e co-



Garibaldi com jornalistas: conversa amigável

mercial também são vítimas de recursos. Projetos de urbanização da Praia do Meio e outras áreas natalenses permanecem “enrolados” por falta de dinheiro. Não existe uma política de estímulo definida com o comércio, embora haja boas relações da Prefeitura com o setor. A máquina administrativa não esteve ausente do “debate” nem da última campanha política, onde o IPREVINAT foi um dos órgãos mais “prestativos” em assistência médico-política.

A limpeza urbana é outro grave problema, e os recursos, ou melhor a falta deles, não permitem ainda uma melhoria nos trabalhos efetuados. Embora a

Prefeitura tenha que alugar carros a mil cruzados-dia, investindo 300 mil cruzados mensalmente, a cidade continua suja. Além do número de terrenos baldios a Urbana diz que a população contribui sensivelmente, quando joga o seu lixo pelas ruas e praças. Com este quadro a Urbana terá uma boa fatia em 87, pois receberá 8,8% do montante destinado a investimentos.

As lagoas que causam grandes transtornos já afogaram 37 milhões de cruzados em investimentos para que não repitam aquele quadro de inundação, desabrigando famílias. □

(Bernadete Cavalcante)

TURISMO

Natal, cidade inventiva

Conhecida nacionalmente como Cidade do Sol, ou “Noiva do Sol”, como a chamou seu filho mais ilustre, Luís da Câmara Cascudo, Natal explodiu nesse verão

Os farofeiros cumpriram a promessa e invadiram a praia natalense. Na Redinha, transformada em Pólo Turístico, o verão explodiu dia 25, domingo anterior à diplomação do Governador Geraldo José de Melo, veranista em Genipabu, rota obrigatória, desde então, de secretariáveis e cortesãos que não vivem se não dentro do círculo do poder. Jacu-

mã, reduto dos amigos e simpaticantes do ex-Governador, já era.

Nos restaurantes da cidade os turistas, que aqui aportaram em grande número, lotando todos os hotéis e pousadas, reclamavam especialmente dos preços e dos serviços, considerados, por muitos, “abusivos”. Maria Stella Grinspiun, paranaense, 38 anos, engenheira, acredita que “fica

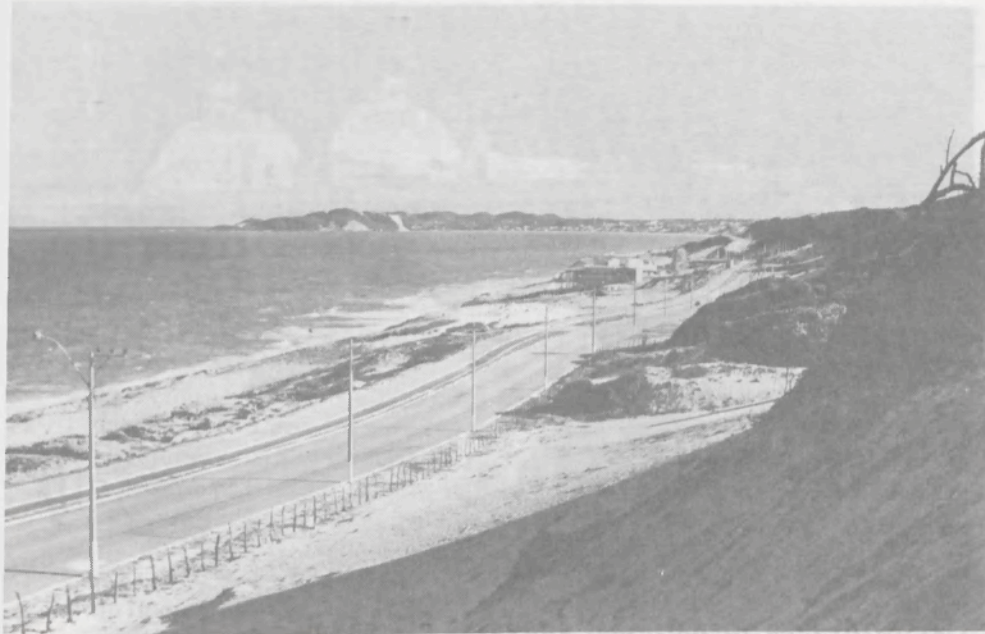


FOTO: GIOVANNI SÉRGIO

Via Costeira: simplesmente deslumbrante

muito dispendioso fazer turismo interno". O que mais a chateia, porém, não são os preços cobrados em restaurantes, mas os serviços morosos e incompletos.

"Falta um serviço de informações. O Museu Casa de Café Filho é desorganizado e os funcionários são desatenciosos ou desinformados".

A cidade lhe pareceu suja e linda. E o trânsito, caótico, desestimula os passeios pelas ruas.

"O centro de Natal deveria ser transformado num grande calçadão. Senti também a falta de parques e áreas verdes".

Kip Chinian, artista e performer, bolsista do Museu de Arte Pura de Boston, sentiu-se ins-

tantemente atraído por Natal. "O brasileiro tem uma sensualidade inata", afirma Kip, um obcecado performático de 26 anos que pretende manter contatos com os artistas locais. Em Natal pretende ficar durante dois meses, tendo como referencial a casa do poeta Chico Ivan. Começado seu roteiro por Pirangi, onde o bar Litoral Sul, sob o comando de Beth Balança, é o ponto de encontro da temporada naquele setor.

Para Kip Chinian, referindo-se a Natal, "a cidade é inventiva". Não existe aqui a padronização dos países superdesenvolvidos, mas as potencialidades parecem, a seu ver, desprezadas em detrimento de soluções complexas, quando a própria "criatividade do povo segue caminhos sábios". O recorte da paisagem e a arquitetura do povo, fundada em detalhes de extrema simplicidade, deixaram Kip Chinian num estado de deslumbramento crescente. Ele reclama da falta de praças e de bancos.

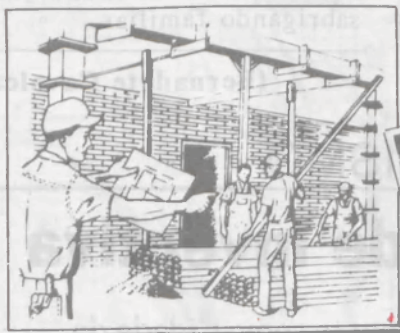
"A cidade ainda não despertou para a necessidade de criar parques, locais de descanso que valorizam o lazer e aproximam as pessoas. Natal é uma cidade solitária e as pessoas costumam andar sozinhas e não se comunicam com facilidade".

A inauguração do Pólo Turístico da Redinha serviu de chamariz para os bugres, hoje um meio fácil de engordar as contas bancárias, em geral, de empresários jovens. Os passeios de barco, a exemplo do que existe no Recife e Fortaleza, começam a ser explorados com timidez. A pressa, porém, sacrifica boas idéias. E a estrada que liga a Redinha ao Pólo Turístico, a 2.500 metros do ponto de acesso, apresenta crateras que tornam perigoso o trânsito, agravado ainda pela falta de sinalização.

Nesse clima caótico e democrático, os turistas se misturam com os farofeiros da Zona Norte da cidade, famílias inteiras que fogem para as praias, dispondo apenas do dinheiro da passagem de ônibus e de alguns trocados para um refrigerante cobrado a cinco cruzados em qualquer boteco. O peixe com tapioca, para esses espoliados, se tornou exor-

LAJES VOLTERRANA

**ECONOMIA,
SIMPLICIDADE E
QUALIDADE.**



Com Lajes Volterrana você ganha tempo e dinheiro na sua construção. E tem a garantia de uma qualidade mundialmente reconhecida.

A SACI fabrica o produto e ensina, orienta e se responsabiliza em tudo sobre as Lajes Volterrana. E ainda lhe oferece muitos outros pré-moldados de cimento, para facilitar a sua construção.



R. GURGEL LTDA.

Rua Pte. Bandeira, 828 — Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 — Ribeira
NATAL-RN

bitante. O salário "tomou Doril", diz Francisco Pedro da Silva, 31 anos, motorista de ônibus, que ganha 400 cruzados semanais e tem mulher e dois filhos:

"Essa pobreza faz a gente ficar nervoso" — diz — "os proprietários de ônibus proíbem que a gente transporte a família".

Quando surpreendidos transportando, "de graça", aos familiares, os motoristas e cobradores são multados. Antes de se agravar a crise de motoristas, muitos deles, em decorrência dessa penalidade, ficavam até dois dias sem trabalhar, "com desconto salário".

Maria Stella Grinspiun ficou horrorizada com os ônibus superlotados. Muitos deles transportando, até, balaios de peixe.

"Os motoristas dão partida de forma brusca e o passeio, sob muitos aspectos, se torna muito desconfortável".

Mas o mar cativa. Maria Stella adorou Pitangui e participou de um lual em Ponta Negra:

"A Via Costeira é deslumbrante. Aquelas praias, quase particulares, justificam os aborrecimentos e as esperas".

A falta de policiamento e de guardas de trânsito têm merecido queixas. Por outro lado os policiais são desinformados e a limpeza pública deficiente. Nas barracas de Areia Preta à Praia do Meio, a falta de higiene atrai moscas, saturando a atmosfera de odores fortes. O lixo acumulado nos terrenos baldios atraiu os ratos.

Nas areias os biquínis, "fiodental", tangas e maiôs convivem numa grande festa pós-moderna. A tirania da moda apresenta-se, agora, sob novos disfarces. Na Redinha os bugres carregados de turistas deparam cavalos na praia, crianças que jogam futebol ou constroem castelos de areia.

O verão de 1987 multiplicou a paisagem de uma cidade que seu maior escritor, Luís da Câmara Cascudo, chamou de "noiva do sol". Mas o sol, que atíça os sentidos, se prolonga nos luares belíssimos e cheios de mistérios. Hoje os chamados "lual", festas noturnas que, de Ponta Negra os irradiou para Pirangi e Redinha, são opções que singularizam o energético verão natalense. □

ressente na hora de abastecer o estoque cujo reflexo ocupa as prateleiras vazias em muitas lojas da cidade.

A dificuldade de reabastecimento do estoque de confecções passou a atingir os comerciantes locais, principalmente a partir de outubro do ano passado, quando eles passaram a observar que os pedidos de mercadorias não vinham sendo atendidos, exceto se o solicitante arcasse com o ágio determinado pelo fornecedor.

"Depois de três meses do pedido é que o fornecedor telefona alegando que falta tecido e a mercadoria só pode ser entregue com pagamento dobrado", denuncia Bento Fernandes, gerente da Gianni Calçados.

PATRIOTISMO — Ante o déficit de mercadoria, a previsão dos comerciantes do setor é de que os estoques só atenderão uma demanda por mais um a três meses, como é o caso da Gianni. "Nosso estoque está reduzido", diz Bento, "dá para atender, no máximo, até fim de fevereiro".

Segundo ele, o colapso que ameaça atingir o ramo de confecções não advém de escassez de matéria-prima nem do alto nível do consumo. "A mercadoria deve estar sendo exportada. Com ela parada nos depósitos é que os fornecedores não estão", analisa. "Houve falta de matéria-prima, mas não tão alta", avalia Heider Mesquita, gerente da Casa Rubi, especializada em artigos masculinos, e completa: "A falta maior foi de patriotismo".

Heider Mesquita, há 35 anos lidando com o comércio de confecções, reconhece nunca ter enfrentado uma crise em iguais proporções como a que atingiu sua loja desde julho do ano passado. "Pela primeira vez ficamos sem seda pura", lembra, "fizemos o dobro de pedidos para receber a metade do sortimento, e agora as cartas que chegam determinam ágio de 40 por cento, condicionando a entrega da mercadoria".

MOROSIDADE — De acordo com o gerente da Rubi, os fornecedores passaram também a cobrar juros maiores, uma vez que diminuíram os prazos de paga-



FOTO: GIOVANNI SÉRGIO

Passeio de Bugre: a facinação do turista

MODA

Juro, o vilão do comércio

Superaquecido a partir do Plano Cruzado I, o comércio entra 87 diante de perspectivas nada promissoras. Falta estoque para atender aos consumidores

O promissor mercado de confecções alcançou 1987 em vias de entrar em colapso. O consumo de vestuário atingiu, como de cos-

tume, altos índices de vendas no fim do último ano e com a sonegação de mercadoria por parte dos produtores, o mercado se

mento. "Eles só estão dando de 30 a 45 dias, no máximo.. Como vender no crediário por 90 dias, em um mais três pagamentos"?, indaga.

A elevação dos juros no mercado financeiro leva Bento Ferreira a presumir que a catastrófica situação em que permaneceu o comércio nos idos de 1981 está próxima de uma nova edição. "Estamos voltando à situação de 1981 quando os juros eram altíssimos, levando o comércio à falência", afirma. "Estamos pior, porque não temos mercadoria".

Sandra Helena, gerente de vendas do Departamento de Confeções Femininas das Casas Pernambucanas, entende que a alta dos juros irá afastar os consumidores. "Mas depois eles se acostumam e o ritmo de vendas irá se normalizar", acredita.

Juros altos elevam a tendência de morosidade do consumo que já vem sendo atraído pelas últimas medidas econômicas do Governo, conforme assevera o gerente da Gianni, ao afirmar que o consumidor fica temeroso de comprar e passar a engordar as cifras da rede bancária.

Pensamento idêntico tem o administrador geral das Pernambucanas, Waldir Faria, para quem a persistência da atuação no abastecimento irá provocar uma corrida da classe média à poupança. "A classe média baixa irá dirigir seu dinheiro, que antes foi destinado até para compra de supérfluos, para o mercado de capitais".

RAMO MOLE — A zonda do consumismo que seguiu os passos do cruzado decretado em fevereiro do ano passado ficou travada no início deste ano. As vendas, e com ela a procura pelo crediário, ficaram desequilibradas, segundo garante os comerciantes do setor de confecções. "Em dezembro a procura era

grande, mas está havendo arrefecimento na área do chamado "ramo mole", anuncia Waldir Faria, explicando que o "ramo duro", ou seja, os eletrodomésticos e móveis, foi o que registrou maior índice de consumo.

Apesar de não vivenciar a problemática de falta de mercadoria, pois a rede fez compras antecipadas, a gerente de vendas das Pernambucanas, reconhece a dificuldade de se conseguir mercadoria. "Recebemos constantemente artigos de malhas do depósito central, mas não encontramos meias finas para comprar porque está faltado nylon", avisa.

Além da falta de meias, como diz Sandra, o comércio de confecções local se ressentiu da presença de artigos infantis nas prateleiras. "Estamos sem nenhuma peça infantil na loja", garante Bento, recebendo confirmação de Sandra. "Nosso estoque para crianças não está bom", resume.

GRANDES VILÕES — O desequilíbrio do consumo tão animador que fora durante 1986 reduziu diretamente a procura do crediário. "O termômetro nosso é linear. Numa situação de varejo o mercado cai em termos de venda em 50 por cento em relação a dezembro", explica o gerente das Pernambucanas, "assim todos os setores e formas de vendas são atingidos", diz, embora afirme que o setor de crediário da loja está agradando. "Temos 15 mil cartões de crédito".

A falta de mercadoria e os juros altos são, de acordo com Bento, da Gianni, os grandes vilões da crise do mercado de confecções. "Nem estamos vendendo a crediário nem à vista", apregoa ele, expressando a crença de que se o Governo não tomar urgentes providências nesse sentido, isso nunca vai acabar.

IMPRENSA

Prêmio BNB

O concurso do Banco do Nordeste dá Cz\$ 20 mil de prêmio à melhor reportagem

Até o dia 30 de abril os jornalistas profissionais interessados em participar do concurso Imprensa-Versão 1987 poderão inscrever na Coordenadoria de Divulgação e Promoção do Banco do Nordeste do Brasil, Praça Murilo Borges, n.º 1, Edifício Raul Barbosa, 6.º andar, em Fortaleza.

O prêmio, de Cz\$ 20 mil, será oferecido ao trabalho que for colocado em primeiro lugar abordando temas de interesse do desenvolvimento do Nordeste nos seus aspectos econômicos, culturais, políticos, científicos e sociais. A seleção da melhor reportagem será feita por uma comissão julgadora a ser designada pela diretoria do BNB.

Podem concorrer ao prêmio trabalhos de jornalistas profissionais relacionados com saúde, educação, política agrícola e desenvolvimento rural, urbanismo, industrialização, ou quaisquer outros, desde que digam respeito ao Nordeste. Segundo informações do BNB, as reportagens poderão ser publicadas em periódicos de qualquer parte do País, sendo considerado o período de 1 de abril de 86 a 31 de março de 87 para a sua publicação.

Todos os anos o Banco do Nordeste do Brasil promove o concurso imprensa, quando muitos trabalhos de excelente qualidade são apresentados, analisando os principais problemas da Região Nordeste, especialmente os relacionados à sua economia. Até o fechamento dessa edição nenhum trabalho de jornalista natalense havia dado entrada na coordenação do concurso, em Fortaleza.

Não troque de mulher. Troque de ambiente.

É bem provável que a melhor mulher do mundo esteja pertinho de você, todos os dias. E talvez você nem desconfie. Experimente fazer um convite a sua mulher para uma esticada no Tahiti. Vai ser uma tremenda lua-de-mel, independente dos anos de casados. E ela vai dar em dobro todo o prazer recebido.

MOTEL TAHITI[®]
O paraíso é aqui.

PARA QUEM EXIGE FACILIDADE, COMODIDADE E ECONOMIA.



* CARROS



ELEFANT DAKAR 30.0

* MOTOS



* UTILITÁRIOS

CONSÓRCIO ELDORADO

3.520 encontraram o jeito fácil de conseguir seu veículo.

1.396 já estão rodando por aí de carro, moto ou trator.

O Consórcio Eldorado, oferece-lhe a maneira mais fácil e econômica de comprar seu veículo de passeio ou trabalho.

Você tem toda flexibilidade de discutir o negócio com o vendedor como achar melhor.

São 39 grupos formados, esperando sua companhia.

Todos os meses o Eldorado entrega veículos por lance e sorteio.

O dinheiro para comprar seu carro, trator ou moto, você investe e usa os rendimentos para pagar as cómodas prestações mensais do Consórcio Eldorado.

Venha conferir com a gente. Dê uma chegadinha aqui em nossas amplas instalações e exposição, na Prudente de Moraes.



ELDORADO ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIO LTDA.

Av. Prudente de Moraes, 1108 — Tel.: 222-9246 — Tirol — Natal-RN.

EM NATAL UM NOVO ESTILO DE VIVER A NATUREZA



INFORMAÇÕES E VENDAS:
Fones: (084) 222-5929/222-2988

Acordar de manhã junto com o sol, o mar, o arrastão, o coqueiral e viver a natureza. Assim será o seu dia, sempre que você estiver em Atol de Jacumã, o primeiro Private Condominium que será construído no litoral do Rio Grande do Norte, a apenas 20 minutos da cidade de Natal. Um lugar definitivo, onde o nascer do sol, o voo das gaivotas, a fartura de peixes, lagostas e a brisa constante, fazem da Praia de Jacumã uma autêntica reserva natural. São 42 mil m² de área, para serem construídos 219 apartamentos com 2 e 3 quartos, distribuídos em 3 pavimentos. Além dos 16 blocos que compõem o condomínio, existirá uma unidade de apoio onde serão instalados bar, restaurante, duas piscinas com deque (adulto e infantil), play-ground e duas quadras esportivas com iluminação. O condomínio terá também estacionamentos e ruas de contorno pavimentadas com paralelepípedos. Venha conhecer um novo estilo de viver a natureza, em meio as dunas e coqueirais do Atol de Jacumã Private Condominium.

PLANTÃO PERMANENTE NO LOCAL

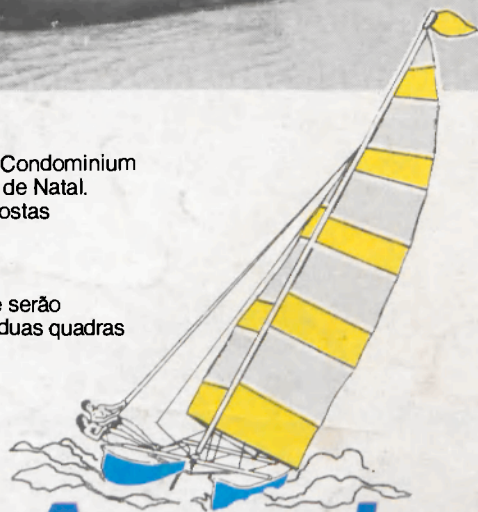


EMPREENDIMENTO
Master Incosa
Engenharia S/A.



VENDAS
EXCLUSIVAS

ARNON
IMÓVEIS
Deodoro, 696 (PABX) 222-5929



ATOL DE JACUMÃ
PRIVATE CONDOMINIUM